

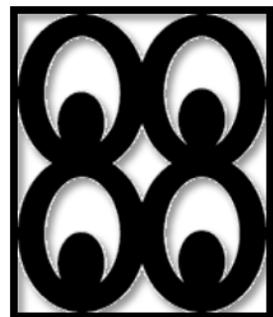
# Mate Masie

Joyce Oliveira Pereira



# Mate Masie

cinco contos de África



Pereira, Joyce Oliveira.

Mate Masie: cinco contos de África. / Joyce Oliveira Pereira. – São Luís, 2020.

72 f.; il.

Produto Educacional da Dissertação Quando leões contam histórias: contos como recurso didático para o ensino de História e Cultura Africana.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho.

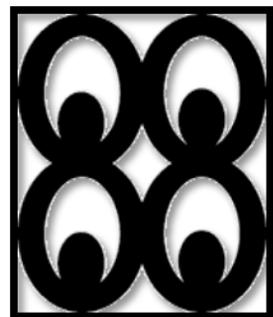
1. Ensino de História. 2. Contos. 3. África Ocidental. 5. Manual Didático.  
6. Mate Masie. I. Título.

CDU 821(6)-34  
3.09

# Mate Masie

cinco contos de África

Joyce Oliveira Pereira





**Mensagem ao Professor - Joyce Oliveira Pereira \_ 7**

**Mapa de Murdock \_ 9**

**Mapa de África Política \_ 10**

**Mapa dos Povos trabalhos em Mate Masie \_ 11**

**Os contos, o(s) tempo(s) e a(s) História(s) - Joyce  
Oliveira Pereira \_ 12**

**Metodologia exploratória \_ 19**

**UOLOF - Abdu, o cego e o crocodilo (Senegal) \_ 20**

**IORUBÁ - A criação do universo (Nigéria e de outros  
países da África Ocidental) \_ 28**

**BAMBARA - Como, na beira do Níger, nasceu Segu,  
cidade dos carités e das acácias (Mali) - 35**

**FULAS - Como o mundo foi criado a partir de uma gota  
de leite (Mali) \_ 45**

**MOSSI - O verdadeiro motivo da falsa partida do  
Moogho Naba de Uagadugu (Burkina Fasso) \_ 54**

**Sobre a autora \_ 66**

**Crédito das imagens \_ 67**

**Bibliografia \_ 68**

# Mensagem aos Professores

Segundo o último censo de 2010 o número de pessoas que se declararam não brancas superou as pesquisas anteriores: pela primeira vez na história do Brasil cerca dos 191 milhões de brasileiros, 82 milhões se autodeclararam pardos, 15 milhões pretos, 2 milhões amarelos, 817 mil indígenas e 91 milhões brancos. A Pesquisa por Amostra de Domicílio (Pnad) de 2019 apontou que 56,10% de autodeclararam negras. Essas pesquisas feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística demonstram uma tendência crescente nos últimos anos na sociedade civil em reafirmar paulatinamente a sua identidade afrodiáspórica.

É importante destacar que esse movimento não é recente, mas remota aos séculos de escravização dos africanos e seus descendentes, em que esses sujeitos históricos empregaram diversos meios, táticas e estratégias na conservação de seu mundo. Sim, ao contrário do que é apregoado pela Democracia Racial, eles não contribuíram só culturalmente com o Brasil, foram os pés e as mãos que construíram o país desde a comida que ia para as mesas, as casas, as ruas, prédios, o café, arroz, açúcar, algodão que enriqueceram os donos das Casas Grandes. Esse mundo está imerso nas sociabilidades que muitas vezes não sabemos identificar o motivo. No Nordeste, a exemplo, existe um costume de antes de ingerir bebida alcoólica derrama-se um pouco no chão e se oferece ao santo. Em África, essa mesma prática é feita com o dolo, uma espécie de bebida fermentada de sorgo, porquê se sabe que a terra é viva, muitas vezes representa uma entidade e, é onde os ancestrais e os arquiancestrais estão presentes, uma das bases da noção de história dos povos de África.

Esse livro se propõe como uma porta de abertura à uma África que geralmente não conhecemos no Brasil. Melhor dizendo, as várias Áfricas que existem e não são conhecidas aqui devido à imagens cristalizadas e repertórios discursivos que se reatualizam sempre sobre esse lugar e essas populações. Mas, daí você poderia me perguntar? Por quê, eu enquanto professor devo ensinar tais conteúdos? A resposta é a lei 10.639/03 que tornou obrigatória o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas disciplinas de História, Literatura, Português e Artes. Posso evocar a Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (1996) que diz ser preciso levar em conta as diferentes matrizes que formaram o povo brasileiro e as Diretrizes de Educação em Direitos Humanos que afirma um processo de educacional que estimule a consciência histórica, afirme valores e práticas na cultura em direitos humanos.

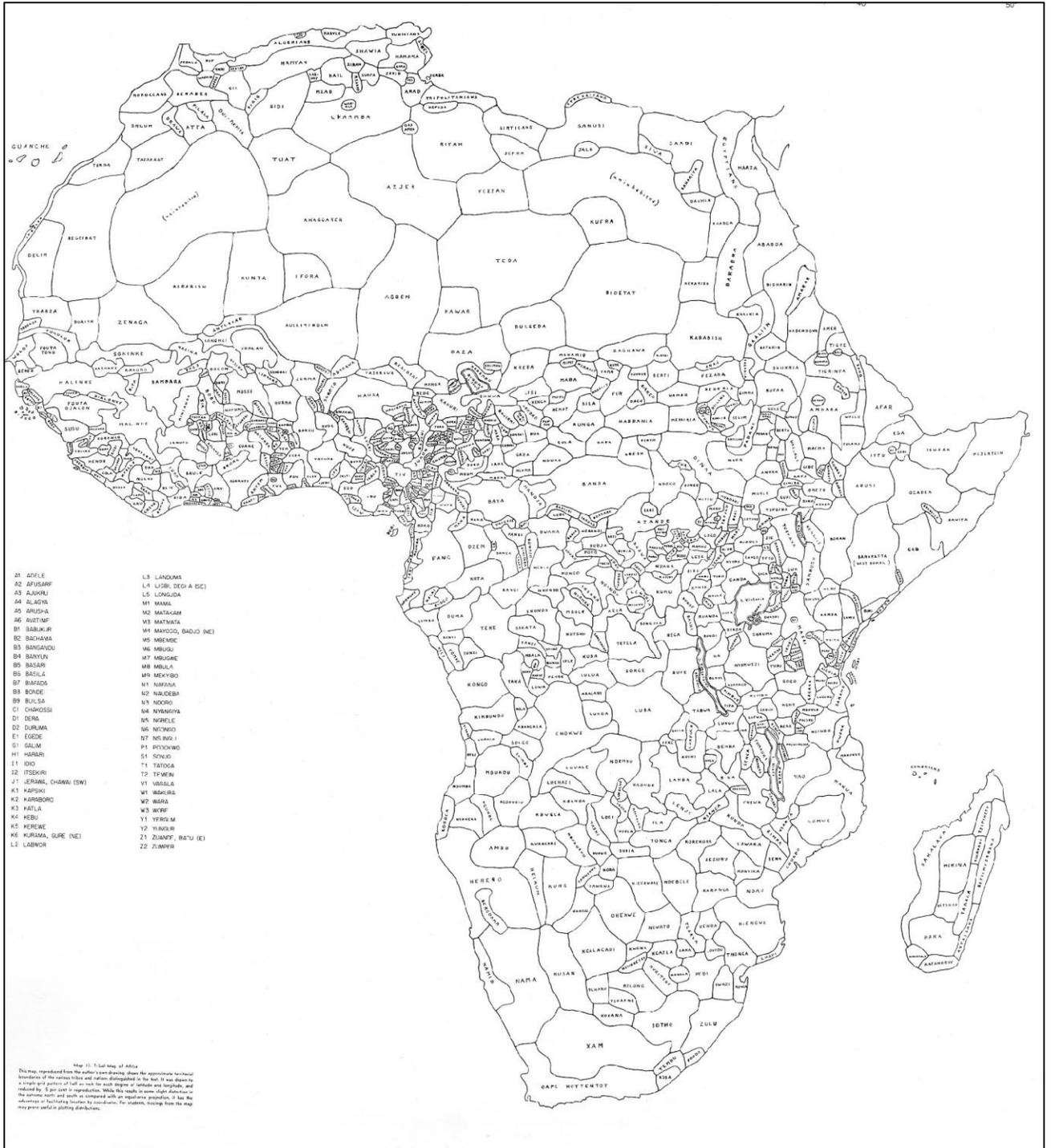
Os afrodescentes são a maioria nos bancos escolares (representam cerca de 56,4% dos estudantes nas escolas públicas) e, por isso tem que estar representados nos livros didáticos, no dia-a-dia da rotina escolar. Não só no 13 de Maio, no dia da Consciência Negra. Mais do que isso, não estar atrelado à imagem da escravização. É preciso outro olhar para entender as dinâmicas do que é o afro-brasileiro e diferenciar do que é africano.

Muitas coisas entre as margens do Atlântico são parecidas, mas muitas também são diferentes. É preciso compreender como a África e os seus povos estabelecem suas fronteiras, relacionam-se com a natureza, quais são suas noções de história, o que a oralidade representa nesses contextos. A minha sugestão de recurso didático são os contos por serem narrativas mais leves e já conhecidas em sua estrutura pelos estudantes. Todo esse livro foi pensando como uma forma de contribuir na reflexão acerca de quem são os povos africanos. O nome “Mate Masie” é referência ao ideograma que está na contra capa, que significa “o que eu ouço, eu guardo” e remete à sabedoria. Ele provém dos povos acã, assim como os outros que estão na capa. Cada um se refere à uma ideia e valor que pode ser trabalhado em sala de aula.

Também como uma forma de auxiliar o docente, têm-se um texto teórico para orientar o professor, mapas foram elaborados de cada grupo social, fotografias que se referem aos contos de alguma maneira, sugestões de uso em sala alinhados às habilidades da Base Nacional Comum Curricular de História e algumas fontes de pesquisa.

No mais, espero que vocês se divirtam junto com seus alunos em sala de aula com esses e outros contos. Como eu disse no começo, espero que seja uma porta e, a partir deles comece a conhecer um pouco das Áfricas que eu aprendi a amar.

# Mapa de Murdock, 1950



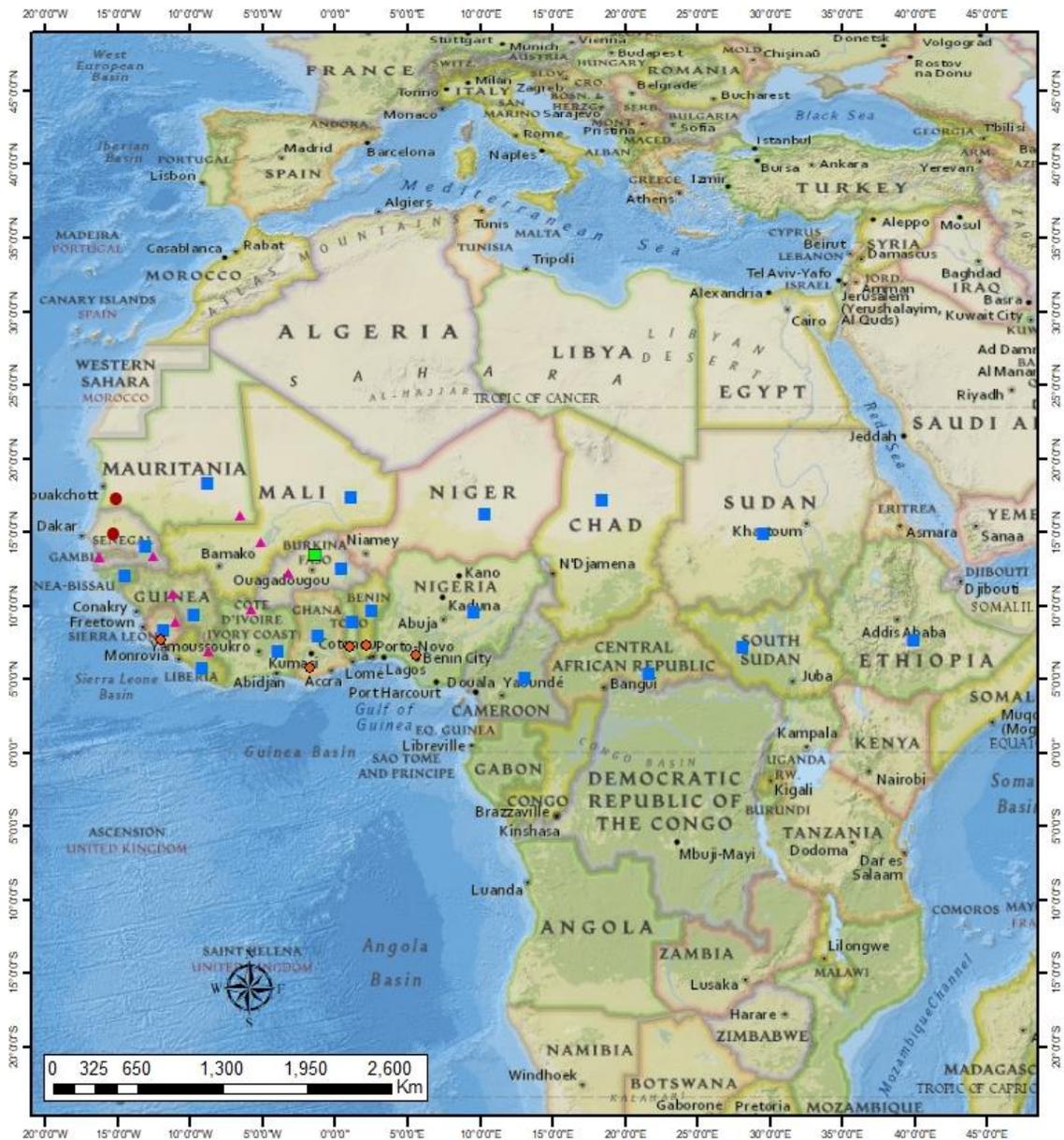
# AFRICA POLÍTICA



Fonte: National Geographic, Esri, Garmin, IIERE, UNEP-WCMC, USGS, NASA, ESA, METI, NRCAN, GEBCO, NOAA, increment P Corp (2019).



# POVOS AFRICANOS TRABALHADOS EM "MATE MASIE"



## Legenda

### Povos, Ocupação nos Países

- ▲ Bambara, 9
- Fula, 20
- Mossi, 1
- Uolof, 2
- ◆ Iorubá, 5



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO

Fonte: National Geographic, Esri, Garmin, HERE, UNEP-WCMC, USGS, NASA, ESA, METI, NRCAN, GEBCO, NOAA, increment P Corp.



# Os contos, o(s) tempo(s) e a(s) História(s)

O continente africano é o terceiro mais extenso do mundo com cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados e cobre cerca de 3,2% da superfície terrestre. É o berço da humanidade já que por volta de 3 a 4 milhões de anos atrás surgiu o Australopithecus, o hominídeo mais antigo. Seu fóssil foi encontrado onde hoje é a Etiópia por volta de 1974 numa região de deserto. A dispersão do Homo Sapiens Sapiens teria ocorrido entre 120 mil a 60 mil anos para os outros continentes.

Pesquisas apontam que em África ocorreram revoluções tecnológicas como a passagem da caça e coleta para a agricultura por volta de 18 mil anos atrás na região do Rio Nilo, período duas vezes bem anterior ao sudeste asiático e a metalurgia de 5000 a 3000 a.C na mesma região. Onde hoje é atualmente Nairóbi (Quênia) a pecuária se desenvolveu há 12 mil anos e o sistema de escrita dos Acã e dos mandingas deram origem aos hieroglíficos e a escrita meroítica. Os dogons já conheciam o sistema solar, a Via Láctea sete séculos antes de Cristo. Essas e outras inovações como a matemática, a medicina que são base da evolução humana e do mundo atual foram conhecidas e desenvolvidas pelos africanos, o que demonstra sua complexidade social, bem longe das visões simplistas e reduzidas que circulam no Ocidente; fome, pobreza, guerra, animais selvagens e etc.

O Imperialismo europeu ocorrido entre o final do século XIX até meados do século XX em África produziu muito mais do que formas de dominação, submissão política, econômica e social. Também foi responsável por construir quadros, imagens e discursos sobre essas populações que ressoam até hoje e acabam por 'filtrar' e 'moldar' os nossos conhecimentos. Quebrar esses estereótipos é a base do ensino de história africana e afro-brasileira.

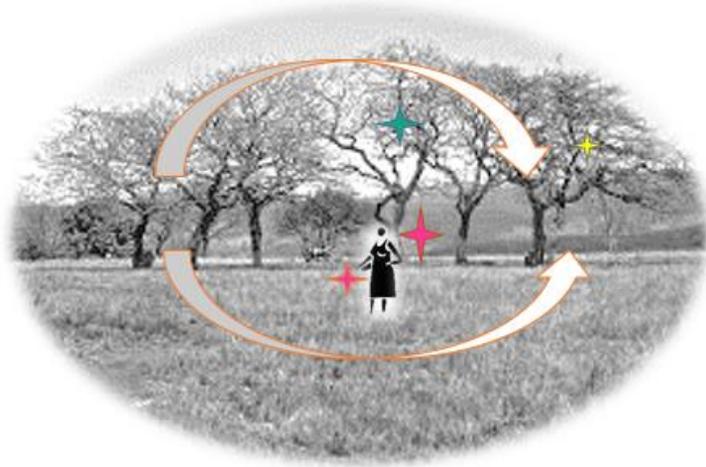
Ao contrário do Ocidente a identidade em África não é marcada a partir somente de um pertencimento territorial, a exemplo: nasci no Brasil, sou brasileira. Esse processo é um pouco mais complexo em que as fronteiras, não necessariamente geográficas, são estabelecidas a partir dos contatos dos grupos sociais envolvidos em diferentes relações: econômicas, políticas, bélicas. Observe isso no Mapa de Murdock: ele apresenta o número de grupos sociais existentes antes do imperialismo.

Os europeus do século XIX que se estabeleceram em África tinha outra forma de elaborar suas identidades, através das noções interligadas de território-língua-país-povo. A partir desse conjunto, ao olharem para as diferentes populações africanas foram incapazes de compreender as dinâmicas e, com isso fizeram uma leitura social a partir de sua visão. Não por acaso foi nesse século que o termo "etnia" surgiu como uma forma de categorizar povos não-europeus.

Por isso é problemático caracterizar os povos africanos como "étnicos". Essa categoria presume um 'congelamento' desses grupos, ou seja, afirma que historicamente eles sempre se comportaram da mesma forma e, como vimos isso é incompatível com as diferentes formas de constituição das identidades dos diferentes povos, o mais adequado seria etnômio.

Nesse sentido, uma das questões essenciais para compreender a História dos povos de África é saber que não há um modelo único que explique os diferentes processos que existiram por um motivo básico: cada grupo social possui sua própria história que está ancorada a partir da sua relação com o território, o sagrado, arquiancestrais e ancestrais. Vejamos isso na imagem 01:

Ilustração 01: Relação entre o Sagrado, a Terra e os Sujeitos em África



Fonte: PEREIRA, Joyce Oliveira, 2020.

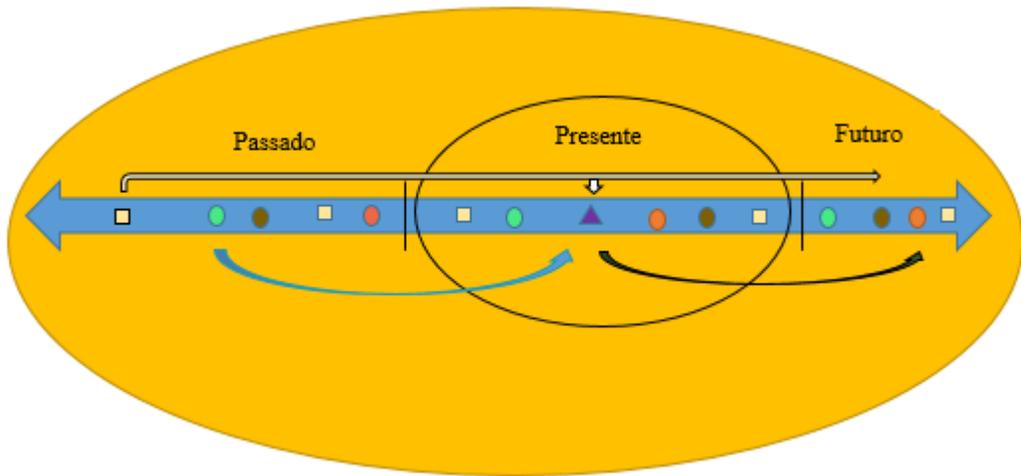
### Legenda

Elementos	
	Fluxo da relação
	Ancestral
	Natureza I
	Natureza II

Para o entendimento dessa imagem é preciso levar em conta que essa é uma relação fluida e contínua, é isso que as setas laranjas procuram indicar, de modo que se concebe uma integração entre as esferas dos ancestrais que são representadas pela estrela rosa, a natureza no elemento azul nas árvores e as montanhas representadas pela estrela amarela, lembrando que essas configurações de relevo são tomadas nas cosmogonias como marcos de territorialidade e os próprios sujeitos que também são importantes nesse conjunto, já que eles reverenciam seus ancestrais e o sagrado e, estes depende deles para continuar a existir.

Assim, a lógica que rege a história em África está ligada à relação dos ancestrais que pode ser um familiar ou um alguém que é referência de uma comunidade, como um chefe, um rei. Dessa forma, nas diferentes formas de organização política (aldeias, reinos, impérios) todos os sujeitos são produtores da história. No caso, da presença de chefes, eles são essenciais na compreensão desses regimes de historicidade. Observe-se isso na Ilustração 02:

Ilustração 02: A concepção de tempo histórico em África



Fonte: PEREIRA, Joyce Oliveira, 2020.

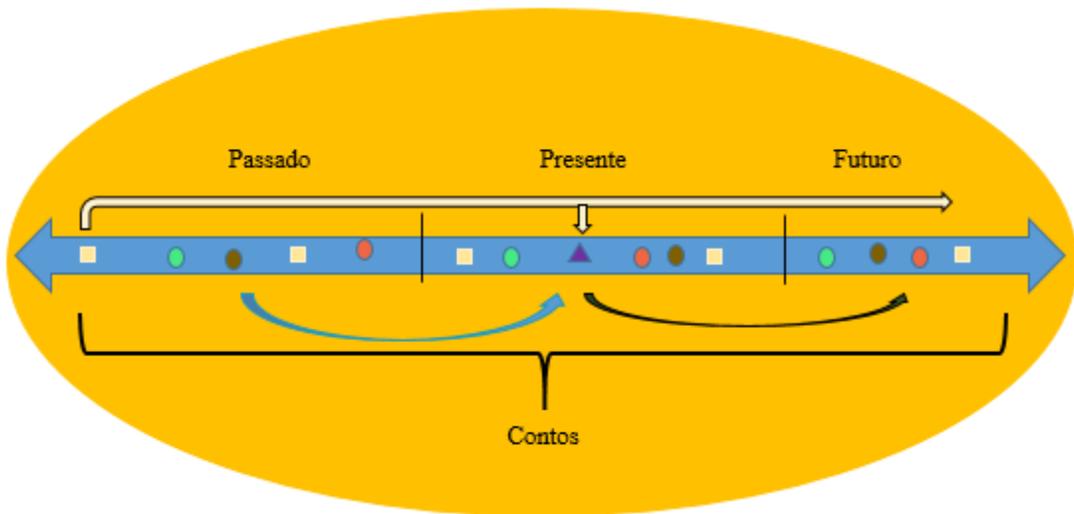
**Legenda**

Elementos	
	Tempo Histórico
	Casualidade Arquiancestral
	Casualidade Ancestral
	Vira-a-ser Ancestral
	Arquiancestral
	Ancestral I
	Ancestral II
	Ancestral III
	Sujeito natural e social em existência

Já na ilustração 03 demonstra a relação que existe entre o sujeito em existência, arquiancestrais e ancestrais no tempo histórico os contos são uma das técnicas usadas na continuidade dessa matriz de conhecimento histórico. É uma delas, mas que nas sociedades orais e gráficas africanas possuem uma expressão singular de explicar modelos societários vigentes que são baseados em experiências sociais de diversas naturezas.

Os contos africanos são elaborações que pertencem a um tempo histórico muitas vezes não determinado e, isso não é uma questão problemática na perspectiva de consciência história existente, já que a orientação é mediada pela presença dos arquiancestrais e ancestrais das linhagens, clãs ou famílias. Isso não significa que não é possível conjecturar a que tempo histórico eles pertencem, os ciclos podem fazer esse indicativo, bem como elementos textuais presentes nas narrativas, mas uma questão importante a ser ressaltada é que os contos a quais pessoas tem acesso, incluindo os que circulam no Ocidente, são de domínio amplo porquê existentes ciclos e contos sagrados que são vedados àqueles que não fazem/pertencem/conseguem fazer parte dos núcleos em que eles são socializados. Vejamos essa relação na Ilustração 03:

Ilustração 03: Os contos e a relação com o tempo histórico em África



Fonte: PEREIRA, Joyce Oliveira, 2020

**Legenda**

Elementos	
	Tempo Histórico
	Casualidade Arquiancestral
	Casualidade Ancestral
	Vira-a-ser Ancestral
	Arquiancestral
	Ancestral I
	Ancestral II
	Ancestral III
	Sujeito natural e social em existência
	Contos como técnica de socialização

Os contos africanos na literatura oral se organizam em ciclos de diferentes naturezas e devido a isso nessas narrativas podem estar incluídos animais ou seres humanos como os personagens que conduzem a ação. A principal ideia defendida por filósofo Marcien Towa (2015) é que essas histórias ajudam a descobrir que o mundo é repleto de conflitos e questões que perpassam a existência durante a vida, assim, serviriam como instrumento de compreensão para solucionar-las.

As narrativas são marcadas sobretudo pelo uso da reflexão como forma de interpretação do mundo: “A promoção da inteligência humana à categoria de guia supremo e único no combate da vida contrasta violentamente com as tradições semitas dominantes que, relembremos, identificam tamanha pretensão para o mal, para o pecado por excelência (TOWA, 2015, p. 39).

O uso da razão como forma de resolução para os problemas seria a melhor maneira para não se tornar submisso à outra pessoa, algo abominável nesses contextos, por isso é uma contraposição direta à tradição judaico-cristã que se baseia em revelações, milagres. Towa (2015, p. 40) aponta que nos ciclos sapienciais a presença do sobrenatural é a melhor forma de dominar outro ser/pessoa: “Em um conto dagari (Alto Volta), a Lebre, em prantos, reclama, depois da morte do rei, a sucessão ao trono do augusto morto. Espanto. Nem um pouco perturbada, a Lebre acrescenta: ‘O rei está morto, mas sua alma está viva. Vamos ao seu túmulo. Tenho certeza de que ele manifestará ao meu favor’. Ele fez o esquilo falar, a corte foi convencida e a Lebre tornou-se rei”.

Na crença diante do acontecimento sobrenatural o que sobressai é a estupidez de quem resolve segui-lo, entretanto, esses personagens que usam do raciocínio para a resoluções de questões não são seres perfeitos, tendo comportamentos que podem ser repreendidos, mas são generosos e justos. Essa fórmula tem como objetivo mostrar que ninguém possui a completa sabedoria e/ou perfectibilidade, nem mesmo os deuses que são colocados ao lado dos sujeitos, portanto, suscetíveis a erros.

Por isso se faz necessária a identificação dos grupos sociais para compreender como se organizar o mundo enquanto experiência social que se concretiza na presença dos ancestrais nessas sociedades e sua influência na memória, o funcionamento da oralidade na existência dos sujeitos em coletividade, se há presença de escrita e como ela é, pensando numa forma de supressão ou reificação dessas narrativas.

Dos contos trabalhados nesse manual existem características comuns a eles que demarcam a sua passagem do oral para o escrito, como a presença do discurso direto em todos eles, menos na narrativa “Como o mundo foi criado a partir de uma gota de leite” que foi escrito em discurso indireto. No tocante a introdução poucos têm o ‘começo do começo’ que é uma marca da oralidade em África, em sua maioria são iniciados com um marcador de tempo distante, a exemplo: “Quando não existia nada como conhecemos hoje (SOLER-PONT, 2009, p. 93 )”, algo semelhante ao recurso do “era uma vez” existente nos contos europeus. As exceções são as narrativas “O verdadeiro falso motivo da partida do Moghoo Naba de Uagadugu” e “Como, na beira do Níger, nas-

-ceu Segu, cidade dos carités e das acácias” que possuem poemas orais introdutórios à história e, no caso da primeira há o uso do bilinguismo em um trecho por estar escrito em mooreé.

A fala do narrador é sempre bem marcada em relação aos diálogos que estão nos contos, bem como há o uso de palavras em línguas originárias ao longo do texto e, que não são autoexplicativas pelo contexto. Para tal, o glossário é utilizado como um recurso e quanto ao final, possuem conclusões explicativas do que essas narrativas representam em seus grupos sociais e territoriais.

Metodologicamente utilizou-se a categoria de representação que visa investigar as formas pelas quais os sujeitos constroem um sentido para os fatos históricos e, assim uma dada realidade será analisado como nesses contos estão presentes elementos que correspondem à construção feita pelos autores anônimos das narrativas (os africanos) (CHARTIER, 1991).

Essa reflexão teórica é necessária devido à discussão existente na História enquanto ciência que existe uma brecha entre o passado tal como ele teria sido e a explicação histórica que o sustenta (CHARTIER, 2009, p. 12) e, é essa relação que permite a produção do conhecimento histórico permitindo ver as formas como os sujeitos históricos produziam o mundo e quais condições sustentavam essas sociedades (CHARTIER, 2009, p. 31).

Essas significações atribuídas pelos sujeitos aos fenômenos, gestos ou condutas de qualquer natureza (política, econômica, social) são responsáveis pela configuração que elas possuem nos contextos de onde provém, inclusive os textos. Estes não existem fora das vozes, objetos que os transmitem, assim como as formas em que são ouvidos, lidos ou vistos e fazem parte da construção de suas redes de significados (CHARTIER, 2009, p. 37).

A realidade do social não é construída fora dessa, mas a partir de construções simbólicas e linguísticas que se situam dentro de uma ordem discursiva que reafirmam interesses sociais (CHARTIER, 2009, pp. 47-48). As representações trazem em si objetivos e posições que descrevem as sociedades tal como os sujeitos pensam que ela é/era ou como gostariam que ela fosse (CHARTIER, 2002, p. 19).

Essas representações podem ser múltiplas devido aos embates existentes entre os grupos sociais para a construção dessas significações, seja de forma coletiva ou individual a ser ocupada nas narrativas tidas como oficiais/públicas que são os alicerces da fabricação do cotidiano e das identidades (CHARTIER, 2002, p. 23).

Os contos africanos estão inseridos nessas relações de produção pela sua própria dinâmica nas sociedades de origem, já que o percurso da oralidade ao longo das temporalidades permite a mudança ou a reafirmação de representações que os grupos sociais mantêm para sua própria coesão. O processo de fabricação simbólica e linguística dessas narrativas correspondem às necessidades sociais referentes a cada grupo onde elas circulam: em África possuem o papel de representar o grupo social através de ciclos (que podem ser diversos).

Entretanto, não se deve categorizar que essas narrativas em contextos autóctones possuem um 'estado ideal' ou que seja possível encontrar traços de um passado ideal e cristalizado sem elaborações simbólicas envolvidas nessa tessitura ( CHARTIER, 2002, p. 78).

Os repertórios de leitura dos contos em sua circulação no Ocidente não permitem o acesso de uma forma 'integral' aos vestígios contidos neles, mas apenas aspectos que podem se 'ressaltar' ao longo da narrativa. As representações construídas nesses processos sociais buscam elaborar/reafirmam o grupo social seja em relação à sua concepção cosmogônica, o papel dos chefes dentro da história da comunidade, bem como apontam elementos relativos às atividades econômicas .Esse processo de análise fica mais evidente nas próximas páginas em que foram realizadas as contextualizações das narrativas: a princípio se apresenta o texto em sua forma integral contida nas compilações e, logo a seguir de cada um está a análise historiográfica deles.

# Metodologia Exploratória

- Escolha um local mais aberto para a aula ou formar um círculo com os discentes;
- Pergunte se conhecem ditados ou provérbios populares e com esse mote aborde a oralidade como uma das formas de sabedoria em África diferenciando da predominância do grafocentrismo europeu corrente
- Localize no Mapa de África o(s) país(es) em que o grupo étnico habita atualmente;
- Se possível localizar o mesmo grupo no Mapa de Murdorck;
- Iniciar o conto fazendo o possível para que cada aluno leia uma parte. Assim é possível a compreensão da lógica social grupal envolvida nessas narrativas;
- Encerrar a contação e problematizar a narrativa através da contextualização presente no manual.

# UOLOF

Abdu, o cego e o crocodilo -



## ORIENTAÇÕES GERAIS

Nesse conto podemos trabalhar as habilidades da BNCC, citadas a seguir:

### EF06HI07:

Identificar aspectos e formas de registro das sociedades antigas na África, no Oriente Médio e nas Américas, distinguindo alguns significados presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades.

### EF07HI03:

Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

### EF08HI23:

Estabelecer relações causais entre as ideologias raciais e o determinismo no contexto do imperialismo europeu e seus impactos na África e na Ásia.

### EF09HI23:

Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.

## ENCAMINHAMENTO

As referências que estão no conto apontam para uma circulação dos uolofs entre o Senegal e a Gâmbia, o que corresponde à ocupação que eles exerciam sobre o território e ainda exercem hoje. Não é possível determinar a qual tempo ela pertence já que não há nenhuma referência sobre arqui ancestrais, mas contém valores essenciais da sociedade: a oralidade.

Esse é um dos pontos chave para se trabalhar em sala de aula: a história de África antes da chegada dos europeus.

Um dia Abdu preparou uma armadilha na beira do rio para pegar um crocodilo. Que sorte! Pegou um logo em seguida! Mas em vez de levar a presa para o terreiro da sua concessão, resolveu fazer uma senhora marotagem. Catou uma pedra bem grande e arreventou a cabeça do crocodilo. Depois escondeu o bicho num arbusto. Feito isso, voltou tranquilamente para casa. Abdu esperou um tempinho e foi convencer o chefe da aldeia organizar uma caçada de crocodilos. E propôs:

- Quem chegar primeiro com um crocodilo morto ganha uma gorda recompensa.

O chefe pensou um pouco e respondeu:

- Abdu, gostei da ideia! Vamos organizar logo essa caçada!

Naquela mesma tarde, os homens saíram para caçar crocodilo. Abdu, sabia que eles praticamente não tinham chance de pegar um antes dele. Voltou correndo para sua cabana, enquanto os caçadores se espalhavam pela beira do rio, com arcos e flechas envenenadas. Abdu sabia que eles voltariam praticamente com as mãos abanando. Estava feliz da vida com a situação; Ele seria o único a trazer um crocodilo! Estava tão feliz que correu para a casa da sua doce amada para lhe contar o segredo. A bela Fatu compreenderia a alegria dele. Encontrou Fatu na soleira de casa. A moça ouviu tudo. Abdu contou como havia matado o crocodilo, onde tinha escondido, que dali a pouco iria buscá-lo, e como seria o primeiro, ele é que ganharia o prêmio. Enquanto Abdu com o rosto iluminado de contentamento, revelara sua molecagem à bela amada, um cego passou em silêncio e ouviu a história toda.

“Dessa vez eu pego esse espertalhão”, disse consigo mesmo o ceguinho que foi direto para o lugar que Abdu tinha escondido o crocodilo. Chegando lá, deixou-se cair no barro. Sujou de propósito a roupa e aguardou perto do crocodilo, morto desde a manhã.

Nesse meio tempo, Abdu voltou para casa vestiu seu lindo bubu, azul, finamente bordado e passou de novo pela casa de Fatu.

- Está na hora – Disse a namorada. A caçada já começou, vou capturar meu crocodilo!

Através de fontes históricas produzidas por africanos é possível perceber as diferentes formas com eles se autorrepresentam longe de reducionismos que aponta apenas dimensões ‘exóticas’, podendo explorar práticas econômicas, ofícios que os grupos possuem.

Indica-se como material de apoio em relação ao trabalho com a oralidade em contextos africanos o filme: “*Keita! O legado do Griot*”. Dany Kouyaté, 1996, 96m.

E partiu rindo sozinho na direção do rio, com um enorme bastão na mão. As mulheres que cruzaram com ele se espantaram ao vê-lo tão bem vestido assim. Quando todos os homens estavam quase nus na beira do rio com suas flechas e zagaias.

Abdu explicava a elas:

- Sou tão bom caçador, que vou matar um crocodilo com a maior facilidade e nem vou me sujar! Não tenham dúvida, eu é que vou ganhar a competição!

Nenhum dos caçadores da aldeia tinha conseguido caçar crocodilo algum, quando Abdu chegou no lugar onde tinha escondido sua caça de manhã. Deu com o ceguinho, sentado junto do arbusto. Sem se perturbar, Abdu pegou sua caça e disse ao ceguinho:

- Acabo de matar um crocodilo.

O cego lhe pediu licença para avaliar o peso e o tamanho do bicho. Abdu concordou e colocou o bicho nos ombros do cego. Este deixou o crocodilo cair no barro, e então pôs de novo nos ombros bichão todo enlameado. Abdu que agora começava a ficar com pressa, pediu-lhe para devolver o fardo. Mas este, de repente, pôs-se a berrar, pedindo socorro! Abdu entendeu na hora que o ceguinho queria lhe pregar uma peça.

Os outros caçadores chegaram correndo. Abdu quis explicar a situação.

- Chega de conversa! Chega de mentira – responderam os caçadores, que já tinham sido vítimas das malandragens de Abdu mais de uma vez.

Como Abdu continuava a protestar, os caçadores decidiram que cabia ao chefe resolver o assunto.

Foram para a casa do chefe, que todos respeitavam. Lá primeiro um, depois o outro disseram ter matado o crocodilo.

O chefe, que os ouviu e observou atentamente, declarou:

- Abdu mentiu muitas vezes para a gente. Está sempre querendo nos tapear. Sempre quer ser mais esperto que os outros. É um vigarista, um impostor. Como Abdu tão bem vestido com seu lindo bubu bordado, pode dizer que está voltando da caça? Olhem só para o ceguinho. Está tão enlameado quanto o crocodilo. Com certeza foi ele que matou o bicho.

Abdu não pode dizer nada. E o que diria diante daquele raciocínio tão lógico do chefe?

Foi-se embora cabisbaixo. O ceguinho recebeu o prêmio prometido.

É verdade todo espertalhão sempre acaba encontrando outro mais esperto que ele.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

O Uolof\* é mais do que um grupo social, a princípio se refere a uma língua falada por milhões de africanos de locais diferentes devido ao fluxo migratório existente no continente e para fora dele ao longo de sua história, por isso teve uma circulação muito além do seu contexto geográfico original sendo falado sobretudo no Senegal e na Gâmbia pelos peul\* e os sereres\* (DIAGNE, 2010, p. 255).

A zona da baixa Casamãcia\* é o local onde que há indícios de povoação dos grupos que vieram a ser conhecidos atualmente como uolofs que habitaram sobretudo regiões litorâneas (ANDAH, 2010, p. 637). Eles estiveram sob a influência do Império do Mali até por volta do século XIV quando o rei Andiadiane Andianke\* conseguiu se impor perante os wolofs e os sereres se tornando o primeiro burba\* e, acabou formando uma confederação:

O império constituiu-se de cinco reinos: o Jalof propriamente dito, com sua capital, onde vivia e mandava o burba, a uns trezentos quilômetros do Atlântico, e o Ualo, o Caior, o Baol e o Sine, todos ao longo da costa. Os quatro primeiros eram formados predominantemente por populações da etnia jalofa; o quinto, por sereres. Mais tarde, a eles acrescentaram-se novos domínios. Na metade do Quatrocentos, o burba assenhoreou-se dos pequenos estados mandingas da margem esquerda do Gâmbia e, uns cinquenta anos depois, o rei de Sine unificou sob seu comando, dando origem a uma outra unidade do império jalofa, as chefias sereres de Salum (SILVA, 2011, p. 631).

Alguns estratos sociais praticavam o islamismo como os nobres, comerciantes e o próprio rei, enquanto os ferreiros, curtidores, tecelões e demais setores sociais continuaram o culto aos antepassados e às divindades tradicionais (SILVA, 2011, p. 631). Nessas duas sociedades, o valor da palavra é referenciado ao valor que os sujeitos possuem e, a via oral é privilegiada na instrução e conhecimento do mundo, que juntamente ao processo de islamização da região foi sendo cada vez mais reificada:

A passagem da oralidade ao escrito estava feita e as duas formas de expressão vão coabitar, completando-se. Apesar dos progressos realizados na difusão dos textos escritos, a tradição oral permanece preponderante na maior parte das sociedades senegambianas, que ficaram refratárias à islamização até o século XIX com o movimento de Cheikh Umar Tall (BOUBACAR, 2000, p. 14).

A narrativa “*Abdu, o cego e o crocodilo*” em seu mote principal fala sobre a importância da ação ser condizente com a palavra proferida, tendo em vista que o personagem principal é caracterizado como alguém que costuma fazer mal-uso desta: “Abdu mentiu muitas vezes para a gente. Está sempre querendo nos tapear. Sempre quer ser mais esperto que os outros. É um vigarista, um impostor (PINGUILLY, 2005, pp. 39-40)”.

Não é à toa que um cego foi a pessoa encarregada de dar uma lição no sujeito que causava desarmonia na comunidade por conta de suas inverdades, pois alguém dotado de cegueira em seu significado mítico despreza valores externos em prol de uma luz interior, algo superior, que está ligado à comunicação com os deuses (BIERDERMANN, 1994, p. 89). Na narrativa isso se comuta na sua

presença nas ocasiões em que Abdu faz suas tramas que podem vir prejudicar o coletivo: “Abdu com o rosto iluminado de contentamento, revelara sua molecagem à bela amada, um cego passou em silêncio e ouviu a história toda (PINGUILLY, 2005, p. 37)”.

Um ponto importante a ser analisado é o fato de o cego usar o silêncio também como uma maneira de se relacionar com o espaço e com outro, porquê nas sociedades orais, tanto o falar como o calar são essenciais na manutenção do equilíbrio do universo. Ele também possui outros sentidos aguçados e, assim descobre onde está o crocodilo morto por Abdu.

Esses animais são constantes na região de África Ocidental possuindo duas espécies: uma é mais conhecida, o crocodilo-do rio-Nilo, e a outra o crocodilo-do-oeste africano. Veja-se essa descrição da existência deles por volta de 1570:

Há também muitos lagartos mui grandes [...]. Têm no rabo umas espadanas largas, com que se ajudam quando pegam em alguma cousa; especialmente têm sua força dentro na água. Têm os pés curtos e unhas e fazem sinal no chão como de leão. O fígado destes é a maior peçonha que até agora se sabe naquelas partes. São gerais estes lagartos em toda a Cafraria, e assim no rio de Congo e no Nilo; e estes são os crocodilos de Plínio, e deles teve origem aquele tão celebrado provérbio nas escolas, *ut canis ad Nilum* (SILVA, 2012, p. 92).

Em alguns contos são tidos como animais traiçoeiros e neles servem como um princípio educativo para entender o comportamento deles na natureza e dos sujeitos em sociedade. Veja-se esse aspecto no conto *Coelho sem coração*: “O crocodilo, doido pra cravar os dentes na carne do escavador de tocas, deixou o coelho saltar às suas costas. Sabia que tinha de ter paciência pra não assustar a sua presa. Senão, o focinhudo, conhecido por sua rapidez, zum, escaparia rapidamente (BARBOSA, 2012, p. 09)”.

Em segundo caso, eles são vistos como animais sagrados, a exemplo do Egito Antigo em que Sobek, era um deus antropozoomorfo (metade crocodilo e metade homem) que estava associado à fertilidade, mas também à força de destruição do inimigo (DIOP, 1974). Essa perspectiva de também está presente em Burkina Fasso, onde há um parque sagrado nas proximidades de Ouagadougou\*: “O crocodilo é um animal que encarna o espírito de um ancestral. Assim, é comum buscar um desses animais para conversar ou pedir conselhos (BERNAT, 2013, p. 47).

Pode-se conjecturar a existência uma estrutura semelhante existente aos uolofs, já que região da Baixa Casamância existe uma grande presença de crocodilos na fauna local, além de no conto ele estar associado à água, terra e a mistura dessa, a lama, elementos essenciais na relação entre os seres humanos e o sagrado em África: “os rios e lagos sempre foram depositários de forças ocultas, e a terra, um espírito a ser cultuado. Isso explica o tradicional gesto africano de verter um pouco d’água ou dolo à terra antes de beber, o que mostra que o solo é uma entidade propriamente servida, pois contém uma força que une o homem a instâncias superiores (BERNAT, 2013, p. 46).

Esse significado pode estar oculto devido ao desconhecimento que os ocidentais possuem da narrativa em seu contexto de origem, a fórmula de “pôr na palha” mencionada por Hampaté Bâ, mas que é bem evidente aos sujeitos que tem nela uma maneira de explicação do universo, no caso, os wolofs. Também pode apresentar um reforço da ideia de uma intervenção dos ancestrais no contexto que se referenda pela leitura e decisão que o chefe teve quanto à disputa: “Abdu mentiu muitas vezes para a gente. Está sempre querendo nos tapear. Sempre quer ser mais esperto que os outros. É um vigarista, um impostor. Como Abdu tão bem vestido com seu lindo bubu bordado, pode dizer que está voltando da caça? Olhem só para o ceguinho. Está tão enlameado quanto o crocodilo. Com certeza foi ele que matou o bicho (PINGUILLY, 2005, pp.39-40) ”.

O uso da vestimenta bubu é somente para ocasiões especiais que não condiz com as técnicas empregadas para capturar esses animais já que eles vivem à beira dos rios e, geralmente arrastam suas presas para o fundo deste, porém, a menção de uso dessa roupa faz alusão ao fato de que havia a produção e o comércio de tecidos de alto padrão na região do rio Gâmbia\*: “As coisas que nos traziam eram estas: primeiramente, lonas e fiados de algodão, e panos de algodão feitos a seu modo, uns brancos, outros variegados, isto é, listrados de branco e azul, ou de branco, azul e encarnado, muito bem-feitos (SILVA, 2013, p. 53).

## NOTAS

Uolof - Wolofs, Uolofe, uólofe, ouolof, uolofo, diolof, jalofos, jolof.

Péul - Péules, fulas, fulânis.

Sereres - Habitam o atual Senegal entre o rio Ferlo e Thiès. Podem ter origem em faraós egípcios e, no século XI fugindo do processo de desertificação e da expansão islâmica se estabeleceram junto aos wolofs, no qual fundaram o reino de Walo (LOPES, 2011, p. 275).

Casamância - Conhecida também como Casamanca, em francês Casamance é uma região do Senegal entre o Sul da Gâmbia e ao norte da Guiné-Bissau cortada pelo rio Casamância.

Andiadiane Andianke - Também chamado Ndyadyane Ndyaye, Ndiadiane Ndiaye, Njaajaan Njaay ou Njajaan Njaay em serere na Senegâmbia, Njajan Njie em inglês na Gâmbia, Ahmad Abou Bakr Ibn Omar ou Ahmadou Ibn Aboubakar entre os uolofs. É o arquiancestral dos uolofs e teria sido o rei do Diolof em 1360.

Burba - Título dado ao rei dos uolofs.

Ougadougou - Também grafada como Uagadugu é a maior cidade e capital de Burkina Faso.

Rio Gâmbia - É um dos principais rios da África que percorre cerca de 1.130 quilômetros desde o Planalto do Futa Djalom (centro da Guiné) até o Oceano Atlântico.

## LOCALIZAÇÃO DOS UOLOF



### Legenda

#### Uolof

#### Ocupação nos Países

- Mauritânia
- Senegal

Fonte: National Geographic, Esri, Garmin, HERE, UNEP-WCMC, USGS, NASA, ESA, METI, NRCAN, GEBCO, NOAA, increment P Corp.



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO**

**PPGHIST**  
Programa de Pós-Graduação em História - UFMA

# IORUBÁ

A criação do universo -



## ORIENTAÇÕES GERAIS

Nesse conto podemos trabalhar as habilidades da BNCC, citadas a seguir:

### EF06HI14:

Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços.

### EF07HI03:

Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

### EFHI0820:

Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

### EFHI0823:

Estabelecer relações causais entre as ideologias raciais e o determinismo no contexto do imperialismo europeu e seus impactos na África e na Ásia.

### EFHI0914:

Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.

### EFHI0925:

Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989.

## ENCAMINHAMENTO

É importante salientar que não haja um proselitismo religioso envolvido na prática pedagógica e, que se explique de maneira calma e racional tal como os contos são, as estruturas sociais que estão envoltas nessas narrativas.

Quando ainda não existia nada como conhecemos hoje. Havia apenas uma grande extensão de céu e uma enorme extensão de mar. Olorum era o rei e deus do céu e Olocum era a rainha e deusa do mar. Os dois reinos estavam totalmente separados e nunca houvera nenhum conflito entre as duas divindades. Olorum estava satisfeito com seu reino e quase nunca sabia de nada do que acontecia abaixo do céu. Olocum também estava contente com seu reino, embora ali não houvesse vegetação nem criaturas de espécie alguma. Mas o jovem aprendiz de deus Obatalá, que não concordava muito com essa divisão, olhou para baixo lá de cima do céu e disse a si mesmo:

- O reino que temos abaixo de nós tem um aspecto deplorável. É preciso fazer alguma coisa para melhorá-lo! Se pelo menos houvesse montanhas e bosques para dar-lhe outro aspecto e um pouco mais de cor!

Foi assim que Obatalá decidiu ir ver o seu rei Olorum para explicar-lhe sua ideia.

- Preciso admitir que você tem razão. As montanhas e os vales que você descreve seriam muito melhores que essa mancha cinza imensa que temos lá embaixo. Mas quem vai criar esse novo mundo? E de que jeito? – disse Olorum.

- Se você deixar, eu mesmo vou tentar – respondeu Obatalá, com voz segura.

- Está bem. Tem minha permissão. Mas antes você terá que ir ver meu filho Orunmilá. Você já sabe que ele tem o poder de prever acontecimentos futuros e de encontrar soluções.

No dia seguinte, Obatalá foi ver o filho de Olorum. Depois de fazer seu ritual de adivinhação. Orunmilá disse:

- Você precisa encontrar uma corrente de ouro tão comprida que lhe permita descer do céu até as águas do reino que temos abaixo. Ao descer, tem que levar junto um caracol cheio de areia, uma galinha branca, um gato preto e uma tâmara. É tudo o que você necessita para conseguir seu intento.

Mais do que fábulas, elas se constituem em concepções históricas de mundo. É preciso orientar os discentes da multiplicidade de histórias que existem e, que não há uma só forma de explicar um fato, ou evento. Isso depende quem fala, do lugar e o tempo.

Indica-se como material de apoio em relação ao trabalho desse conto a animação “*Orun Ayê: a criação do mundo*”. Jamile Coelho e Cintia Maria, 2015, 12 minutos.

Obatalá ouviu atentamente. A primeira coisa que fez foi ir ver um ferreiro para encomendar-lhe a corrente de ouro. Mas acontece que ele não tinha ouro suficiente. Assim, teve que visitar todos os deuses do reino de Olorum para pedir que lhe dessem ouro para fabricar a corrente mais comprida possível. Quando a corrente ficou pronta, Orunmilá deu um saco a Obatalá. Dentro dele havia tudo de que ele precisava: O caracol cheio de areia, a galinha branca, o gato preto e a tâmara. O jovem deus amarrou o saco nas costas e começou a descer pela corrente até as águas. Descia e descia lentamente, sentindo a umidade que subia das águas. Até que a corrente acabou, mas ele ainda estava alto demais para pular! De repente! De repente, ouviu a voz de Orunmilá, que lhe ditava o que devia fazer:

- Pegue o Caracol que você tem dentro do saco e jogue toda a areia na água!

Obatalá fez o que lhe dizia Orunmilá.

- Agora jogue a galinha – gritou Orunmilá.

Obatalá pegou a galinha do saco e a jogou nas águas. A galinha foi cair onde havia caído antes a areia. Tentava caminhar por cima das águas para não se afogar, e os grãos de areia iam se transformando em terra firme e seca. Os grãos maiores se convertiam em montes e, entre os montes, apareciam vales. Obatalá decidiu que já podia pular da corrente. Caiu sobre a terra e andou todo sorridente. Agora havia terra em todas as direções. No lugar onde caiu ao saltar da corrente, ou seja, no primeiro pedaço de terra que pisou, ele abriu um buraco com as mãos e plantou a tâmara. Imediatamente a tâmara se transformou numa palmeira e um pouco adiante apareceu outra, e outra, e mais uma.... Com alguns troncos de palmeira caídos e algumas folhas, Obatalá construiu uma cabana e ali viveu feliz em companhia do gato preto.

A deusa Olocum estivera observando todo o processo de criação daquele novo reino entre o céu e o mar e achou que estava bom. E desde aquele instante Obatalá se converteu no deus e rei da terra. E tudo começou a ser tal como conhecemos hoje.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

Segundo os linguistas, os povos que deram origem aos iorubás modernos possivelmente vieram do oeste africano para o leste de uma região não muito distante do Rio Níger\* se estabelecendo em seu atual sítio no sudoeste da Nigéria, na fronteira com o Benin por volta de 2000 a. C (LOPES, 2011, p. 167). Ao chegarem nesse local encontraram outros grupos na cidade de Ifé\* que segundo os registros arqueológicos teria sido fundada entre 900 e 1200 d.C:

No primeiro milênio de nossa era, esses povos, que cultivavam o sorgo e o milhete, nas savanas do norte, e os inhames, o dendê, os feijões, o quiabo e o akee, nas florestas do sul, devem ter desenvolvido instituições políticas baseadas nos laços de família. Cada vilarejo dividia-se possivelmente em várias linhagens, cujos chefes eram escolhidos pela idade ou pela proximidade genealógica com o grande ancestral. E um pequeno grupo de aldeotas, pouco distantes umas das outras, formaria aquilo que Ade Obay emi chamou de miniestado: sem capital urbana ou governo centralizado, com pouco território e pouca gente (SILVA, 2011, p. 466).

No entanto, até o fim o século XVIII os grupos iorubás se organizavam em cidades-estados que mantinham relações mercantis entre si, mas que não chegaram a formar um estado centralizado. Os principais reinos eram os de Oió\* e de Ifé que constituíam processos de hegemonia para além de suas fronteiras, sendo que esta última cidade era essencial na legitimação política do poder dos Obás\* (OLIVA, 2005, p. 154).

A identificação do grupo tal como conhecemos hoje é decorrente da segunda metade do século XIX em que a administração britânica imperialista operou essa classificação a partir de uma correspondência entre as sociedades falantes de iorubá que estavam sob domínio do Alafin\* de Oyó (OLIVA, 2005, p. 168). Esse processo de reinvenção de África e os dos africanos pelos europeus foi dado a partir de uma visão de monopertecimento que ignorava as perspectivas polifônicas de reconhecimento mútuo existentes no contexto original e, se atrelava à ideia de nação europeia comum ao século XIX.

Um ponto importante a se ponderar acerca das dinâmicas dos iorubás a partir de sua própria matriz de construção e interpretação do mundo, é observar que eles se percebiam como descendentes de uma origem comum, no caso, referenciando a cidade de Ifé como esse lugar, também tinha a função de cidade-modelo ao conjunto urbanístico do iorubalândia\* e, também como centro religioso de onde derivava a legitimação do poder a partir do reconhecimento do Oni, líder político e religioso descendente direto de Odudua.

O conto '*A criação do universo*' faz alusão ao período anterior ao que Odudua, o arquiancestral fundador iorubá, teria lutado e vencido o chefe local, Agbonmiregum\* e implantado uma monarquia divina que era uma forma política inédita nessa região, até então governada por linhagens e clãs:

Se Odudua foi realmente uma personagem histórica, de quem a tradição guardou o nome, deve ter sido apenas o líder de um grupo que impôs sobre Ifé um novo regime político, de chefia centralizada e dinástica. Talvez tenha vindo da confluência do Níger com o Benué. Ou da Hauçalândia. Ou de Canem. Ou de Borgu. Ou de Nupe. Ou das savanas imediatamente ao norte de Ifé. Ou de Orum, de lugar ignorado, que não se explica nem se discute. E, se veio do oriente, este ficaria bem próximo de Ifé, em Oke Ora, o monte Ora, a poucos quilômetros a nordeste daquela cidade (SILVA, 2011, p. 471).

Assim, a narrativa faz menção à criação da cidade de Ilê Ifé que é tomada pelos iorubás como o centro do universo ou o umbigo do mundo: “A deusa Olocum estivera observando todo o processo de criação daquele novo reino entre o céu e o mar e achou que estava bom. E desde aquele instante Obatalá se converteu no deus e rei da terra. E tudo começou a ser tal como conhecemos hoje (SOLER-PONT, 2009, p. 95) ”.

A cosmogonia iorubá se sustenta na ideia de um criador supremo, Olorum/Olodumaré que teria feito o céu e terra, os humanos, animais, os orixás, os espíritos e, tem como suas principais características ser único, imortal, criador, onipotente, juiz, onisciente, transcendente e rei (ALMEIDA, 2006, pp. 97-98). Ele viveria no Orun\*, no mundo espiritual, enquanto Olocum, orixá do mar vivia no oceano, ambos satisfeitos.

Obatalá\* foi criado por Olorum e, por isso é o orixá que comanda os outros, sendo o responsável por criar o mundo, que no caso, começa na cidade de Ifé, sendo cultuado em várias urbes iorubás: “É chamado por diversos nomes, dependendo da localidade. Em *Ile Ife, Ibadan* e outros locais é chamado de *Orisa-nlá*, em *Igbomoso* é chamado de *Orisa Pópó*, em *Ejigbo*, *Orisa Ijáyè*, em *Ugbo*, *Orisa Onile* embora os nomes sejam diferentes, o modo de cultuar é o mesmo (ALMEIDA, 2006, p. 113) ”.

Existem diferentes versões para esse conto da criação iorubá, em que variam o papel de quem resolve criar a terra, em algumas versões pode ser Olorum ou Obatalá, o caso é que o último executa as ordens dados pelo primeiro. Em quase todas elas, existe a presença de Orunmilá, orixá da adivinhação que foi quem consultou o oráculo, Ifá, e o orientou a criar a terra:

No dia seguinte, Obatalá foi ver o filho de Olorum. Depois de fazer seu ritual de adivinhação. Orunmilá disse:

- Você precisa encontrar uma corrente de ouro tão comprida que Ihe permita descer do céu até as águas do reino que temos abaixo. Ao descer, tem que levar junto um caracol cheio de areia, uma galinha branca, um gato preto e uma tâmara. É tudo o que você necessita para conseguir seu intento (SOLER-PONT, 2009, p. 94).

Como Orumilá sabe todos os segredos da criação é o responsável pela comunicação entre o céu e a terra e, por isso é constantemente invocado quando são necessários conselhos e transmite as mensagens de Olorum. Quanto aos elementos usados na criação do mundo, como a corrente, faz referência à importância da metalurgia para os iorubás, já que era exímios artesãos e, Ifé pode ter se tornado um centro de recepção de pessoas devido a isso. Um exemplo, é que no início do século XX foram encontradas esculturas de cabeças em bronze de tamanho real produzidas através da técnica da cera perdida\* que poderiam representar “retratos de onis e cortesãos. Talvez simbolizassem a continuidade de várias funções do estado, independentemente da morte individual de quem as detinha. Talvez fossem imagens de reis divinizados ou de deuses humanizados (SILVA, 2011, p. 483) ”.

A corrente simboliza a união entre os domínios que são opostos, em geral nas outras versões ela é feita de ferro, o que aponta para Ogum, orixá que ensinou aos homens como extrair o ferro e como fazer a forja. Ele teria descido do céu junto com os outros orixás e ido para Ifé, sua cidade original (ALMEIDA, 2006, p. 103). O caracol guardava a terra a ser lançada sobre as águas sendo que esse animal é tido como o que contém “ ‘sangue branco’, a ‘água que apazigua’, omi-èrò (WOORTMANN, 2018, p. 19) ”, um ebó\* necessário para Olorun.

A galinha branca também pode ser uma pomba ou um galo que espalharam a terra em todas as direções: direita, esquerda, centro e aonde não se podia mais ver. Em seguida Olorum enviou um camaleão para andar sobre a terra e ver se ela estava firme. Ele voltou e anunciou que ainda estava úmida e, após uma segunda inspeção divulgou que já estava seca o suficiente. No conto aqui apresentado, essa informação foi omitida o que não prejudica em si a ideia de criação que os iorubás possuem: “Diferentes versões que podem parecer contraditórias ao observador externo à cultura, não são assim consideradas pelos participantes da cultura. Entre os Yorübá-Nagô existem várias versões do mito da Criação; ainda que as “estórias” sejam diferentes, a estrutura lógico-simbólica permanece a mesma, e enquanto ela assim permanecer as diferentes “estórias” não serão vistas como contraditória (WOORTMANN, 2018, p. 14)”.

Outro ponto que difere em relação ao conto do livro de Anna Soler-Pont é que em vez de uma tâmara, em outras versões encontra-se uma noz de dendezeiro, ekuro, que é o próprio Orunmilá (ALMEIDA, 2006, p. 128), daí ele ser a ligação entre o céu e a terra. Na versão do conto apresentada no texto de dissertação menciona uma palmeira que em outras narrativas pode representar o Ifá, os orixás e os obás:

Por exemplo, “dezesseis” não é mencionado em certas versões, mas as “quatro” o é, assim como “noz de palmeira”. Ora, “todo mundo sabe” que “dezesseis” e “quatro” são intimamente associados (relação numérica fundamental no sistema de Ifá), e “ninguém ignora” que as nozes sagradas são em número de dezesseis, que é também o número dos òrisà originais. “Todos” sabem também que a palmeira possui quatro folhas que se desdobram em dezesseis. É como se certos símbolos estivessem “ocultos por eclipse” na gramática mitológica (WOORTMANN, 2018, p. 23).

E, por fim Obatalá, rei do céu e da terra, seria uma referência à Agbonmiregum, chefe dos iorubás através dos sistemas de clãs e linhagens antes da chegada de Odudua. Esse período foi por volta do século XIV, onde ocorreram mudanças substanciais na forma de governo, como a inserção de novas estruturas e migrações em que as cosmogonias retratariam esses processos e a submissão dos igbos aos iorubás: “Outra forma de confirmar a relação mito e história está presente nas narrações das disputas entre dois orixás: *Obatalá* e *Odudua*. Para alguns historiadores, as disputas celestiais na criação da Terra revelariam as disputas terrestres entre dois líderes sobre a região da iorubalândia (OLIVA, 2005, p. 160)”.

A narrativa iorubá sobre a criação do mundo e as outras que fazem parte desse conjunto são eivadas de sujeitos que possuem um aspecto transcendental, seja ele por natureza ou ter se tornando um, que sempre estão em contado fluido entre os dois mundos: Orum e o Aiyê. Nessa perspectiva, é preciso observar que elas reafirmam a noção de origem comum através do papel representado por eles dentro da coesão social.

## NOTAS

Rio Níger - É o terceiro rio mais longo da África, após o Nilo e o rio Congo, sendo o principal da África Ocidental com a extensão de cerca de 4.180 quilômetros. Possui uma bacia hidrográfica de aproximadamente 2.200.000 quilômetros e, por isso atravessa os atuais países da Guiné, Mali, Níger, Benin, Nigéria.

Ifé - Também conhecida como Ilê Ifé pelos iorubás. Esse nome faz referência à narrativa cosmogônica do grupo que significa “a casa da expansão”.

Oió - Cidade-estado iorubá no sudoeste na Nigéria que foi um dos maiores impérios do oeste africano. Teria sido fundada por Oraniã, filho de Odudua (LOPES, 2011, p. 228).

Obá - Título dado aos governantes/chefes iorubás.

Alafin - Título dado ao governante iorubá em Oió.

Iorubalândia - Território geográfico entre os atuais países da Nigéria, Benin e Togo em que habitam os iorubás.

Agbonmiregum - Também conhecido como Setilu é considerado o pai de Ifá (LOPES, 2001, p. 21).

Orixás - São deuses que receberam de Olorum a missão de criar e governar o mundo sendo cada um responsável por uma função na natureza, aspectos da vida social e da condição humana. Seu culto em África pode ser limitado à uma cidade, região ou em alguns casos extensivo à um vasto território iorubá. (PRANDI, 2001, p. 20).

Orun - Refere-se ao mundo espiritual dentro da cosmogonia ioruba enquanto o Ayê é o mundo físico, de forma que tudo que existe no Orun, coexiste no Ayê.

Obatalá - Oxalá, Orinxalá, Oxalufã.

Técnica da cera perdida - Conhecida também como microfusão é um método de confecção de esculturas de metal por um modelo de cera que é revestido como refratário para formar um molde que é aquecido até derreter e sair da matriz.

Ebó - Possível referência oferendas ritualísticas realizadas para homenagear um orixá. Não confundir com o ebô, comida sagrada feita de milho branco sem tempero que é a comida de Oxalá.

# LOCALIZAÇÃO DOS IORUBÁ



**Legenda**

**Iorubá**

**Ocupação nos Países**

- ◆ Benin
- ◆ Gana
- ◆ Nigéria
- ◆ Serra Leoa
- ◆ Togo



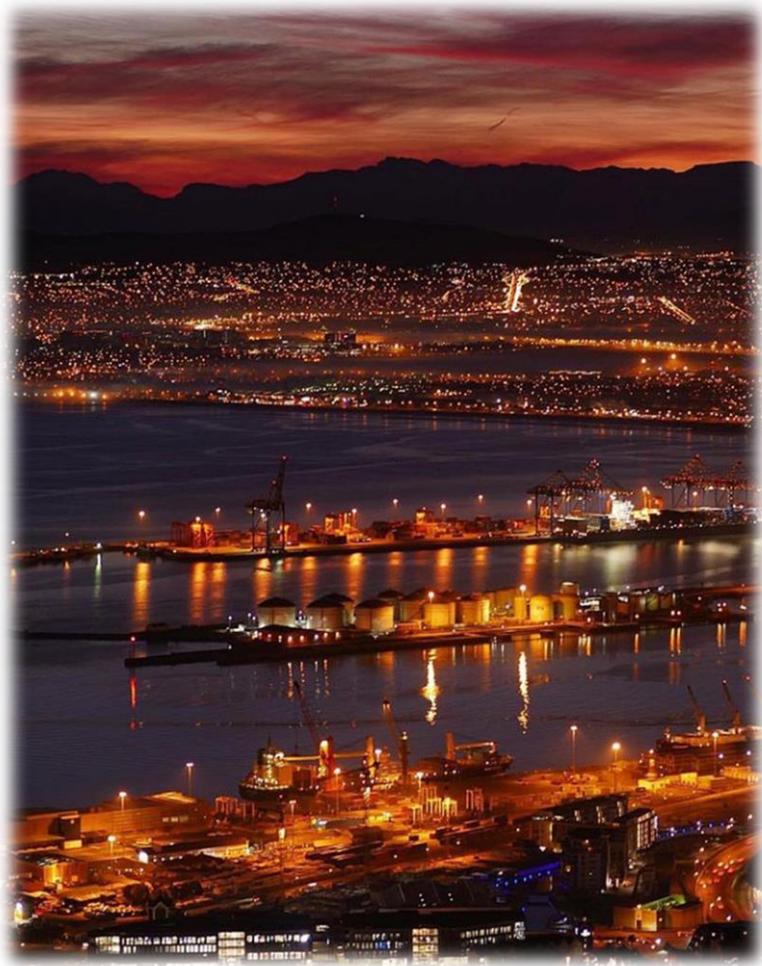
UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO

Fonte: National Geographic, Esri, Garmin, HERE, UNEP-WCMC, USGS, NASA, ESA, METI, NRCAN, GEBCO, NOAA, increment P Corp.



# BAMBARA

Como na beira do Níger, nasceu  
Segu, cidade dos carités e das  
Acácias -



## ORIENTAÇÕES GERAIS

Nesse conto podemos trabalhar as habilidades da BNCC, citadas a seguir:

### EF06HI17:

Diferenciar escravidão, servidão e trabalho livre no mundo antigo.

### EF07HI03:

Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

### EF07HI14:

Descrever as dinâmicas comerciais das sociedades americanas e africanas e analisar suas interações com outras sociedades do Ocidente e do Oriente.

### EFHI0823:

Estabelecer relações causais entre as ideologias raciais e o determinismo no contexto do imperialismo europeu e seus impactos na África e na Ásia.

### EFHI0926:

Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

## ENCAMINHAMENTO

A narrativa apresenta elementos que fazem parte do universo bambara em que o Rio Níger é essencial na cosmogonia de formação do grupo porém também pode-se observar a cidade de Segou como referência na sobre a formação de um estado.

“Escute bem, minha irmã  
escute bem meu irmão  
é um conto ou uma lenda  
para você rolar de rir ou chorar  
rios de lagrimas  
e ainda tirar uma lição.”

Foi muito tempo atrás. Os gênios não eram maiores do que os grãos de areia do deserto e, sob o sol a pino, não eram nem um pouco malvados.

Foi antes mesmo que quatro simples bairros desenhassem a cidade de Segou, que ainda estava longe de existir.

Sim, nessa época, a cidade não tinha nascido e ninguém podia avistar Segou, a velha Segou, a aldeia, Segou, a nova, nem Segou sob os carités.

Nesse lugar que ainda não era Segou, não havia uma só das 4444 acácias, e a outra, a acácia de costas tortas, ainda não tinha crescido.

Foi antes do início, antes do começo, antes dos reis Da Diara, Monzon, Ngolo, Biton Culibali. Na verdade, foi antes até dos dois irmãos Nia Ngolo e Barama Ngolo, que atravessaram o Níger montados num peixe!

Foi antes dos quatro grandes fetiches.

Foi nesse tempo remoto que um menino resolveu sair andado em frente. Depois de engolir um pouco de pó de osso de elefante para ter forças, ele encontrou ao lado de um pé de tamarindo um velho instrumento de música. Que ótima oportunidade para virar músico! Pegou o instrumento nos braços e nas mãos. Dedilhou uma a uma as três cordas, meio frouxas, enquanto falava assim consigo mesmo:

- Se eu fosse um músico de verdade, uma porção de dançarinas e dançarinos fariam a terra vermelha subir rodopiando até o azul do céu, ao ritmo do meu ngon.

:

A produção sobre os bambara disponível é em sua maioria em francês devido ao imperialismo ocorrido na região do Mali. No Youtube está disponível uma série sobre os reis bambaras de Segou: “*Leis rois de Ségou*”, Sidibé Boubacar, Mali, 2011, mas indicamos aqui também um texto em português sobre a cidade que está no site AFREKA: “*Segou Koro: a antiga cidade do Império Bamana*”. Disponível em: <http://www.afreka.com.br/notas/segou-koro-a-antiga-capital-do-imperio-bamana/>

Mal acabou de pronunciar essas palavras em voz alta, ligeiramente virado como estava para o pé de tamarindo, apareceu uma porção de mulheres e de homens, que se puseram a dançar diante dele. Eles vestiam uma tanga de palha com franjas de fio de ouro. Adornos de contas cintilavam sobre o corpo. Os olhos do garoto viam um espetáculo de festa, mas em sua cabeça ele repetia o tempo todo: " Não, não, é um sonho".

O garoto interrogou o Céu e a Terra

- Estou louco? Estou mais louco do que um louco?

Na vida tem um momento para falar, um momento para ver, um momento para agir. Foi o que ele fez, continuou a cadenciar o ar quente com seu ngoni. Quase a cada nota, o incrível acontecia: a música fazia surgir na Terra todos os sonhos que lhe passavam pela cabeça – apareceu um baobá com seus frutos, os pães-de-ló-de-mico, um lago cheio de lótus...

Diante de tantos prodígios, o garoto teve medo.

- Minha cabeça, minhas mãos, meus olhos estão enfeitiçados!

Saiu disparado para a aldeia, depois de jogar no chão o instrumento. Só parou quando encontrou seus irmãos de sangue e de leite. Respirou pausadamente para se acalmar e pôs-se a pensar. " Na verdade, aquele ngoni não é mau, senão teria acontecido alguma desgraça comigo. Eu não devia ter sido medroso como uma cabeça de tartaruga. " Tranquilizando-se, voltou até ngoni abandonado. Encontrou-o, nenhum ladrão tinha vindo roubá-lo.

Dedilhou uma, duas, três cordas do seu instrumento, pensando num gostoso prato de futu "e... Não é que um prato fumegante caiu bem na frente dele, um prato perfumado com um delicioso molho de grão! "

O garoto entendeu que aquele ngoni podia dar à vontade tudo aquilo em que ele pensava.

Assim, pouco mais tarde, quando a primeira esposa do chefe da aldeia adoeceu, ele se ofereceu para curá-la. Primeira esposa, eu disse, porque naquela comunidade se praticava a poligamia, isto é, o homem podia ter várias esposas. Ela estava quase morta. O garoto tocou seu ngoni na hora em que a pálpebra da noite se fechava na Terra. Enquanto mamãe Lua apareceu, redonda como um ovo de avestruz, cheia de como seio repleto de leite.

Ela desceu no meio do céu e veio dar de mamar à coitada da esposa, que logo saiu.

A partir desse dia, o garoto achou-se um homem importante, tão respeitado quanto um grande iniciado.

Um dia, logo depois da sua circuncisão ele resolveu correr mundo, com seu ngoni debaixo do braço.

Dali a algumas semanas, depois de ter feito a sesta à sombra de uma árvore, levantou-se e mais uma vez foi em frente. Antes de cair a noite, com suas sombras visíveis e invisíveis, encontrou uma moça linda, uma princesa cuja pele negra tinha o perfume inebriante da manga madura. Em menos tempo do que uma lagartixa leva para comer um mosquito, apaixonou-se loucamente.

A moça, que era tão maliciosa quanto bela, declarou:

- Com seu ngoní que, pelo que você diz, lhe dá o poder de um deus, quero que você me faça ficar ainda mais bonita....

O rapaz improvisou imediatamente uma melodia de sete notas, e a moça perfumada se transformou. Ficou ainda mais esbelta e com contornos mais acentuados. Sua cintura se estreitou e as curvas suaves dos seus quadris pareceram mais carnudas. Seus seios pareceram se arredondar de cada lado do tórax.

Reconhecendo-se cada vez mais bela, convidou o rapaz a acompanhá-la até seu país, onde o rei, seu tio materno, os casaria. Juntos, penetraram na selva distante, a selva sem pai nem mãe.

Quando chegaram ao reino do tio, a Terra e o Céu estavam devastados, queimados, saqueados!

- Sobrinha, a situação é gravíssima. Vou casar você somente com aquele que for capaz de salvar o meu reino. Olhe em volta: há inimigos por toda parte. E eles são mais perigosos do que a nuvem de gafanhotos.

O rapaz ouviu as palavras do rei, enquanto esperava no vestíbulo a volta da bela princesa. Saiu e sentou-se numa daquelas pedras chatas que as mulheres usam para esmagar berinjela. Tocou seu ngoní com uma grande força de espírito. Na mesma hora mil exames de abelhas saíram do instrumento e voaram numa nuvem incrível em direção a todo o horizonte. Atacaram os inimigos do rei e massacraram-nos com milhares de picadas selvagens. Nenhum deles sobreviveu.

Tornando-se novamente o grande senhor do seu reino, o rei, que provavelmente não tinha ao seu lado nenhum sábio para aconselhá-lo, esqueceu sua palavra. Agiu como esses homens poderosos, mas sem grandeza ofereceu a belíssima princesa a um príncipe vizinho, para que este se tornasse seu aliado, desprezando o jovem músico que havia salvado seu reino.

O rapaz louco de amor ficou então louco de raiva. Num acesso de dor, arrancou as cordas do seu ngoní! Na mesma hora mil raios rasgaram o céu, zigzagueando em todas as direções, e uma violenta trovoadá ecoou, fazendo a terra tremer. Cantos violentos irromperam do ngoní que, privado das cordas, pôs-se a sangrar como um ser humano ferido ou uma galinha sacrificada. E, além de vociferar, o ngoní chorava como uma mulher desesperada ao descobrir-se estéril.

Mais calmo, porém, muito assustado, o rapaz atirou seu instrumento o mais longe que pode, na terra vermelha. O ngoní caiu rolando na poeira. Nesse momento, um barulho imenso de começo ou de fim de mundo abriu o céu. Do rombo saiu uma furação tão gigantesca, como se tivesse juntado de repente em si o sopro de milhares de harmatãs. O furacão destruiu tudo o que encontrou pelo caminho, reduzindo a pó a vida dos homens e dos animais entre os quatro horizontes.

Nunca mais se encontrou se encontrou vestígio de nada e de ninguém. O rapaz e a princesa nunca mais foram vistos.

O furacão tinha arrasado tudo o que encontrara pela frente, com seu sopro de guerra. Mas lançou e semeou, antes de desaparecer, sementes de acácia e de carité. Quatro mil quatrocentas e quarenta e quatro sementes de acácia, mais uma, uma semente de costas tortas, e outras tantas sementes de carité.

Foi nessa época quase esquecida que, na margem crespada do djoliba, nasceu a cidade de Segu. No começo, a cidade tinha apenas quatro quarteirões, quatro aldeias...

No começo, Segu não se chamou Segu, mas Sikoro.

As acácias e os carités cresceram em Segu, e ainda crescem hoje em dia.

Foi assim como contei, embora poucas memórias saibam atualmente da história desse rapaz, do seu ngoní e do furacão que trouxe os carités e as acácias.

Minha história terminou, agora vou pô-la de volta lá onde encontrei.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

O conto “Como, na beira do Níger, nasceu Segu, cidade dos carités e das acácias” provavelmente faz parte de um conjunto de cosmogonias bambara\* que se refere a importância que o rio Níger tem para essa população. Além dessa narrativa, existem outras que fazem referência à entidade Faro que habita nesse rio e, que é a base do sistema simbólico deles, estando sempre presente em narrativas que fundam a história do grupo:

O grande rio impõe um eixo geográfico que dirige a civilização sudanesa há séculos e a Mesopotâmia africana, que desenha com o curso paralelo do Bani, é uma área de alta densidade humana e riqueza agrícola. Mas as suas águas, que fertilizam a terra e permitem a pesca, também carregam todo o sistema simbólico dos Bambara, cuja mitologia é organizada pela figura misteriosa de Faro, o gênio do rio. O poder de Bambara parece intimamente ligado às relações privilegiadas de certos homens com esses espíritos da água (PERSON, 1978, p. 277).

O rio Níger é um dos principais cursos fluviais existentes na África Ocidental com cerca de 4.180 quilômetros e sua bacia hidrográfica têm a extensão de 2.200.000 quilômetros quadrados, sendo terceiro maior do continente africano, o que o faz atravessar boa parte da região sudanesa e, com isso contribui com outros fatores geográficos na formação de diferentes climas:

O Níger, cuja bacia se estende de 5° N a 16° N, possui um regime mais complexo. Ele descreve uma extensa curva, de traçado bastante original. Nasce na faixa montanhosa do Atlântico e dirige-se para o Saara, orientando-se, depois, para o golfo da Guiné, onde deságua por um vasto delta. Assim, os cursos superior e inferior atravessam regiões meridionais de clima tropical úmido. O curso médio demora-se em um “delta interior” de clima saheliano e curva-se com dificuldade na região subdesértica de Tombuctu, antes de receber um volume de água cada vez maior em direção à jusante. A estação chuvosa traz duas cheias simultâneas, uma no curso superior e outra no curso inferior. Mas a primeira, que se manifesta até o Níger, declina gradualmente em consequência da evaporação e da infiltração na zona tropical seca. A segunda, visível desde o norte do Benin, continua a jusante devido às chuvas locais de máxima solsticial. O Níger recebe, no curso inferior, o Benue, seu principal afluente (DIARRA, 2010, pp. 360-361).

Percorre os atuais países de Guiné, Benim, Mali, Níger e Nigéria e também possui diferentes nomenclaturas a partir dos grupos que vivem em contato com ele: em mandinga é Jeliba (grande rio) em igbo chama-se Orimi (água grande), nas línguas tuarengues é Egerew n-Igerewen (rios dos rios), em songai é o Isa Ber (grande rio), em zarma: Isa (rio); em hauçá: Cuara e, em ioruba é Oiá. Em todos esses nomes é perceptível a ideia de extensão e imensidão que ele possui e, isso se manifesta através do respeito a ele enquanto um ser sagrado ou que serve de morada para eles.

A segunda referência que a narrativa faz é a cidade de Segu\* , que foi a capital do Império bambara fundado por volta do século XVIII, entretanto desde o século XVI, eles são descritos como povos guerreiros e, por isso muitas vezes são taxados de violentos ou como povos agricultores ignorantes (BAZIN, 2017, p. 122). A questão principal é observar que processos sócio-históricos comportam essa categorização enquanto “ser bambara”:

Assim, Ao longo das estradas comerciais que religam o vale do rio Níger e Djenné às regiões meridionais produtoras de ouro e de noz de cola (no norte da Costa do Marfim e do Gana atuais) circulam há séculos aqueles que conhecemos sob o nome de jula (“diola”) ou mercadores mandês – e, mais antigamente, nos textos árabes ou portugueses, sob o de uângara. Essas gentes chamam bamana ou banbara a populações muito diversas que se encontram nesse percurso e entre as quais pouco a pouco de disseminaram, instalando-se gradualmente, à margem de suas comunidades (BAZIN, 2017, p. 132).

Essa nomenclatura não pode ser precisada historicamente e é referenciada há mais tempo que a própria rota transaariana\* em que se fazia esse comércio, sendo utilizada pelos diolas\* para caracterizar grupos diversos mas, que são “fornecedores (de víveres , de mão de obra sob a forma servil ou outra), compradores (de sal, tecidos etc.), guerreiros potenciais cujos serviços podem ser garantidos, autóctones ou considerados como tal e, por isso possuidores de rituais do solo sob os quais os julas fundam suas colônias (BAZIN, 2017, p. 133).

A partir desse prisma nos voltamos para os bambara de Segou que estiveram sob dominação do Império do Mali\* , divididos em diferentes províncias (kafu) em que seus seus chefes marka e mulçumanos mantinham relações com Djenné\* e Tombuctu\* . Eram dedicados à agricultura e, à caça em clãs /confrarias especializadas, assimilando assim técnicas de combate marroquinas como foi o caso do clã dos samaké e, foi por volta do século XVI que em uma revolta camponesa eles se sublevaram contra seus chefes e o clã dos Koulibali se destacou perante aos demais. (SILVA, 2011, p. 372).

A narrativa faz referência à um período inicial: “Foi antes do início, antes do começo, antes dos reis Da Diara, Monzon, Ngolo, Biton Culibali\* (PINGUILY, 2005)” e, antecede os “ dois irmãos Nia Ngolo e Barama Ngolo, que atravessaram o Níger montados num peixe (PINGUILY, 2005)”, que é uma das cosmogonias da religião tradicional dos bambara.

Segundo esta, Niangolo e Baramangolo estava sendo perseguidos e, quando chegarem em frente ao Jeliba não haviam barcos para atravessá-lo, mas graças a um peixe-gato conseguiram fazê-lo. A partir disso aos seus nomes teriam sido acrescidos “Coulibaly” quem em bambara é Kulun-bali, sem barco, além da proibição desse clã de consumir peixe. Outro dado importante é que a menção aos barcos e a travessia do rio retoma uma prática social comum entre eles:

As canoas são construídas de modo singular, cada uma delas formada pelos troncos escavados de duas grandes árvores, ligados não lado a lado, mas pelas pontas. As embarcações são, por isso, muito compridas e desproporcionalmente estreitas, e não possuem nem toldo nem mastros. Apesar disso, mostram-se espaçosas: vi uma atravessar o rio com quatro cavalos e várias pessoas. Quando eu cheguei ao local de embarque, a fim de atravessar para a parte da cidade onde reside o rei, encontrei um grande número de pessoas à espera. [...] (SILVA 2012, p. 189).

Essa Segu é descrita como “a cidade não tinha nascido e ninguém podia avistar (PINGUILY, 2005) ” e que ela teria quatro bairros e também 4444 acácias. Essa alusão constante ao número quatro se trata de uma experiência social já que a cidade era composta por quatro cidades diferentes: “Segu [ou Segu], a capital de Bambara [...] consiste na verdade em quatro cidades distintas: duas na margem setentrional do Níger, chamadas Segu Korro e Segu Boo, e duas na borda meridional, Segu Soo Korro e Segu See Korro (PARK, 2013, P. 189).

Bem mais do que algo apenas simbólico, faz referência a visão única que os bambaras tinha de sua cidade e, isso também se refere à presença das acácias na narrativa, já que é uma planta comum no delta do Níger e, com isso suas sementes costumam descer na correnteza e se depositam às suas margens. Já o carité é uma das oleaginosas que foram cultivadas na savana subsaariana que servia para a fabricação de manteiga utilizada para fins alimentícios. Esse comércio era feito em Djenné, cidade com a qual Segu manteve relação direta quando esteve sobre domínio do Império do Mali (ABITBOL, 2010, p. 57).

O ngoní é um instrumento de corda feito de madeira ou com uma cabaça que é coberta com couro de cabra seco e, geralmente é tocado por um griot, o que demonstra que o menino que o toca na narrativa é um:

O ngoní, Koni ou lute, parece ser o instrumento melódico mais antigo tocado pelos griots, considerando obala como percussivo. Ele varia um pouco no formato, tamanho ou número de cordas - entre duas e cinco, e é encontrado sob diferentes nomes em todo continente. Seu corpo é esculpido em uma única peça de madeira, coberta por um pedaço de couro que é esticado e pregado na parte de trás da caixa ressonante., para prendê-lo são usados pregos e são decorados com pequenas estacas de madeira, seu braço é cilíndrico e sem trastes., suas cordas hoje se fazem na torção de duas cordas de nylon e, antigamente eram feitas de crina de cavalo (s/a, s/d, pp. 78-79).

Por isso, tudo o que ele canta/conta se torna real, já que faz parte da história do grupo, como o caso do exército de abelhas que aponta para o segundo ataque de Congue\* contra os bambaras de Segu, em que estes contaram com a ajuda dos Tyuero Somono que lançaram enxames de abelhas contra a cavalaria inimiga (IZARD; KI-ZERBO, 2010, p. 396).

A narrativa apresenta elementos que fazem parte do universo bambara em que o Rio Níger é essencial na cosmogonia de formação do grupo, porém também pode-se observar a cidade de Segu como referência na sobre a formação de um estado. Importante frisar a questão da construção identitária desses povos, a partir das suas relações com os demais através do comércio transaariano e, tomar os indícios que pontuam as fronteiras entre eles longe de essencialismos que são tão comuns quando se pensa/imagina as populações africanas.

Importante frisar a questão da construção identitária desses povos, a partir das suas relações com os demais através do comércio transaariano e, tomar os indícios que pontuam as fronteiras entre eles longe de essencialismos que são tão comuns quando se pensa/imagina as populações africanas.

## NOTAS

Bambara - Bamana, bamanake, bamanankan, bamani.

Segu - É a capital da região administrativa de mesmo nome, sendo a terceira maior cidade do Mali.

Rota transaariana - Conhecida também como comércio transaariano fazia a ligação de diferentes praças mercantis e zonas de abastecimento por diferentes rotas. Os principais artigos que circulavam eram sal provenientes das minas do Deserto do Saara, noz-de-cola, ouro vindo do Deserto do Sahel, pimenta e noz-de-cola das regiões de floresta tropical.

Diolas - Grupo do oeste africano que se estabeleceram na Casamância.

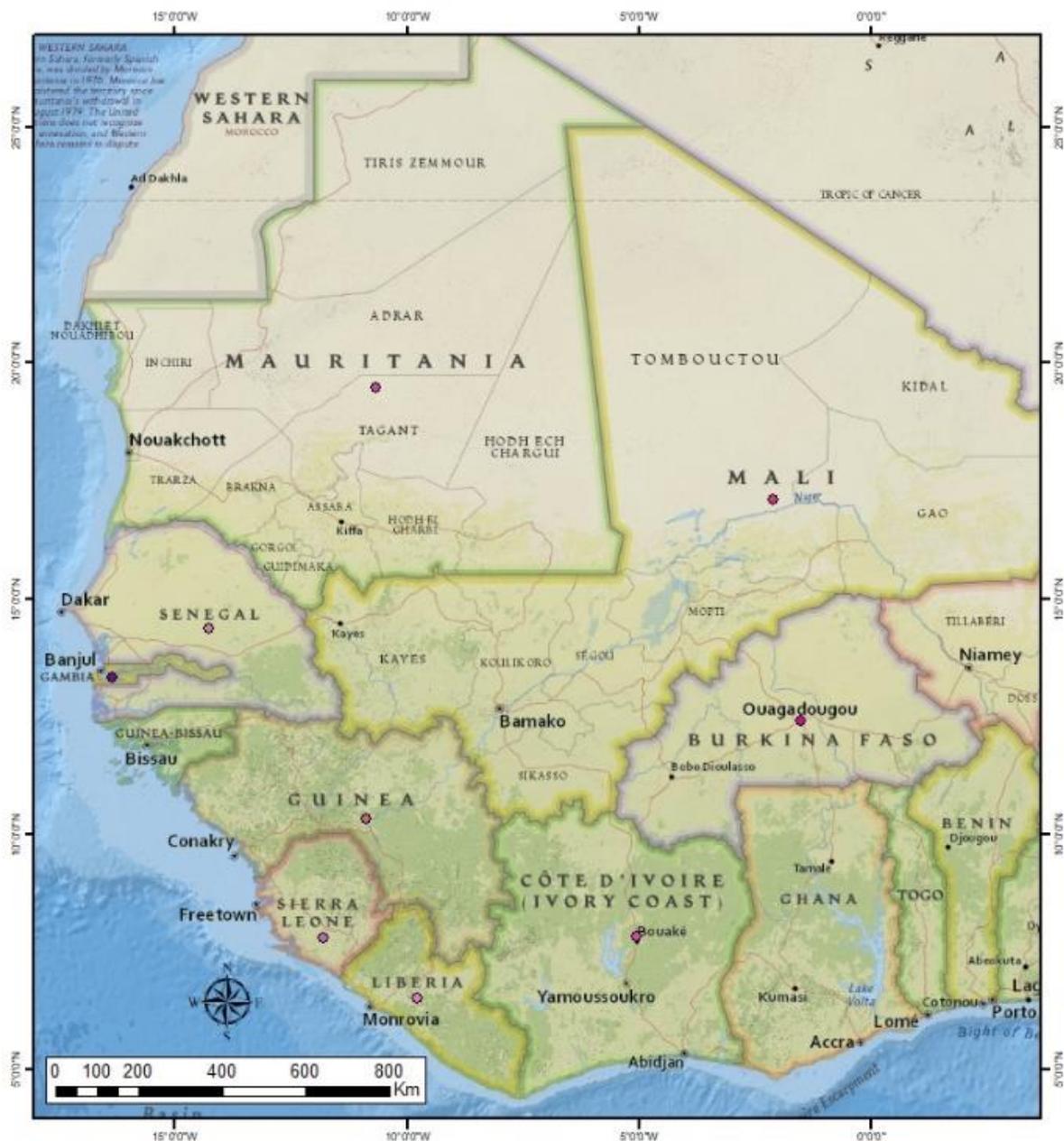
Império do Mali - Fundado pelo líder mítico Sundjata Keita no século XIII (1235) foi um dos maiores do Saara Ocidental onde hoje são os países do Mali, Serra Leoa, Senegal e Guiné na região do Manden. Devido às revoltas internas e por invasões de seus povos por começou a dar sinal de declínio por volta do século XVI.

Djenné - Cidade localizada no centro do Mali e foi um grande centro de comércio e ensino no Império do Mali.

Tombuctu - Cidade no centro Mali que No século XIV tinha grande importância por possui a Universidade de Sankoré, a responsável por formar sábios mulçumanos que ajudaram a espalhar o Islã na região de África Ocidental.

Biton Cloulibaly - Segundo as tradições orais Ngolo foi dado como cativo para Biton Coulibaly por seu tio em troca de um pagamento e, com isso uma das mulheres do mítico fundador o teria adotado. Após a morte de Biton a anarquia se instaurou em Segu até que em 1766, Ngolo toma o trono. O seu filho, Monzon reinou de 1790 a 1808.

# LOCALIZAÇÃO DOS BAMBARA



## Legenda

### Bambará

● Libéria

### Ocupação nos Países

● Mali

● Burkina Faso

● Mauritânia

● Costa do Marfim

● Senegal

● Guiné

● Serra Leoa

● Gâmbia



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO

PPGHIST  
Programa de Pós-Graduação em História - UEMA

Fonte: National Geographic, Esri, Garmin, HERE, UNEP-WCMC, USGS, NASA, ESA, METI, NRCAN, GEBCO, NOAA, increment P Corp.

# FULA

Como o mundo foi criado a partir  
de uma gota de leite -



## ORIENTAÇÕES GERAIS

Nesse conto podemos trabalhar as habilidades da BNCC, citadas a seguir:

### EF06HI14:

Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços.

### EF07HI03:

Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

### EF08HI20:

Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

### EF09HI14:

Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.

### EF09HI25:

Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989.

## ENCAMINHAMENTO

O conto “Como o mundo foi criado a partir de uma gota de leite” referencia sobretudo o modo de vida dos fulas que é ligado à criação de gado e, de que maneira essa relação influi na elaboração do mundo em que os dois espaços distintos – o mundo dos ancestrais e o mundo dos homens - são interligados e indissociáveis.

No princípio havia uma enorme gota de leite. Então Doondari desceu à terra e criou uma pedra. Depois a pedra criou o ferro. E o ferro criou o fogo. E o fogo criou a água. E a água criou o ar. E então Doondari voltou a descer à terra e pegou os cinco elementos.

E com esses elementos modelou uma figura humana. Um homem. Mas o homem era muito forte. E Doondari criou a cegueira. E a cegueira venceu o homem.

Mas quando o sono ficou muito forte, Doondari criou o tédio, e o tédio venceu o sono. E quando o tédio ficou muito forte, Doondari criou a morte, e a morte venceu o tédio. Mas quando a morte ficou muito forte, Doondari desceu pela terceira vez à terra disfarçado de Guêno, a eternidade. E Guêno venceu a morte.

Pode ser utilizado na abordagem de diferentes concepções simbólicas de universo que ajude na compreensão de outras formas de elaboração do mundo. Também sugerimos trabalhar a questão do cabelo afro tomando como base os penteados fulanis e de outros grupos com o texto seguinte: GOMES, Nilma Lino: Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: estereótipo cultural ou ressignificação cultural?. **Revista Brasileira Educação**. Nº. .21 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2002.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

A denominação de fulas\* se refere ao conjunto de povos que habitam vários países do oeste africano e geralmente são caracterizados pelos viajantes por sua pele mais clara em relação aos outros povos africanos. Segundo SILVA (2011, p. 50) teriam vindo do Saara pois seus penteados de crista são semelhantes aos encontrados em pinturas rupestres existentes no deserto:

Geralmente, os fulas [...] são de cor castanho-amarelada, com feições delicadas e cabelos suaves e sedosos. Depois dos mandingas, são, sem dúvida, a mais importante das nações desta parte da África. Diz-se que seu país de origem é Fuladu, que significa “a terra dos fulas”, mas atualmente eles são senhores de muitos outros reinos, à grande distância uns dos outros. A aparência deles não é, aliás, a mesma em diferentes regiões: em Bondu e outros reinos que estão situados na vizinhança dos territórios mouros, são mais amarelos do que nos estados mais ao sul (SILVA, 2011, p. 188).

Ao longo dos séculos eles estiveram sob o jugo de diferentes estados maiores: XIV e XV estavam sob domínio do Império Mali, no século XV do Império Songhai\*, no XVI dos pachás\* marroquinos de Tombuctu e no século XVII eram os bambaras de Segu.

Eles se destacavam no contexto de África Ocidental pelo seu comportamento nômade e domínio da técnica do pastoreio em que ocuparam uma grande região do Macina\* (SILVA, 2011, p. 15), mas é importante frisar que eles não se constituíam em grupo homogêneo, havendo vários etnômios advindos de condições subjetivas de cada grupo: “fulas-djiábê (ou fulas-djin ou fulas-pretos), fulas-ribê (ou fulas-foro, ou fula di baca, ou fula di Gabu), futa-fulas (ou fulas do Futa Jalon) (ABRANTES, 2018, p. 33)”.

Devido à sua condição histórica de submissão ao longo dos séculos XVIII e XIX estiveram presentes em revoluções islâmicas na região do Futa Toro\* e do Futa Djalon\* que foram essenciais na configuração da região oeste da África:

No Futa Jalon, as montanhas onde nascem os rios, pastores fulas e muçulmanos iniciam pequenas jeades contra seus vizinhos mandingas a partir de 1700. Nas décadas seguintes a população fula aumenta com gente vinda do norte, das teocracias do Bundu e do Futa Toro. Em 1750 os fulas muçulmanos triunfam e por volta de 1850 os fulas que viviam no Kaabu e pagavam tributo aos mandingas organizam-se e revoltam-se contra seus senhores. Aliados aos fulas do Futa Jalon derrotam os mandingas do Kaabu numa famosa batalha que se deu em Cansala, a capital do império, por volta de 1865. O interior torna-se progressivamente muçulmano (ABRANTES, 2018, p. 11).

Essa mudança foi importante na perspectiva do comércio internacional, nas migrações, na miscigenação dos grupos entre o norte e o Sul do Deserto do Saara que, no entanto, não mantinha uma sensação de estabilidade na região devido à recorrência ondas violentas:

Esta região deve a sua importância histórica, a sua prosperidade e a sua estabilidade à manutenção de um frágil equilíbrio entre o habitat, o homem e o animal; entre os agricultores sedentários e os pastores nômades; entre os habitantes das cidades e as populações rurais; entre os homens livres e aqueles de condição servil; igualmente, entre os muçulmanos e as populações ainda fiéis às suas crenças tradicionais (AZIZ, 2010, p. 619).

Essa orientação islâmica estava presente na sociedade ditando regras em relação educação e o comportamento reforçando uma austeridade em relação à presença de viajantes, mas que não interferiu nas crenças anteriores ao islã que era mais comum entre os estratos sociais mais altos:

Os fulas de Bondu são por natureza suaves e gentis, mas as inclementes disposições do Alcorão os tornaram menos hospitaleiros e mais reservados no comportamento do que os mandingas. Consideram claramente todos os nativos negros como seus inferiores e, quando se referem a diferentes nações, sempre se incluem entre os brancos. A sua maneira de governar difere da dos mandingas principalmente porque são mais constrangidos pela influência das leis muçulmanas, pois todos os chefes (excetuado o rei) e a grande maioria dos habitantes de Bondu são islamitas e têm a autoridade e as leis do Profeta como sagradas e definitivas. No exercício da fé, no entanto, não são muito intolerantes em relação aos seus contemporâneos que conservam as antigas superstições (SILVA, 2012, p. 188).

Assim, pode-se conjecturar que a narrativa Como o mundo foi criado a partir de uma gota de leite faz parte das cosmogonias dos fulas antes do processo de islamização do grupo e, teria chegado ao presente justamente pelo fato de não haver perseguições religiosas quanto aos não islamitas.

A atividade de pastoril de bovinos caracteriza os fulas ao longo de sua trajetória histórica e isso era/é reconhecido pelos viajantes como por outros grupos africanos. Eles estabeleciam uma forma de associação sazonal, a exemplo que ocorria no Norte da atual Nigéria em que os esses levavam os rebanhos para se alimentar do que sobrava das colheitas feitas pelos haúças, bem como alguns agricultores senufos de posses que possuíam pequenos rebanhos delegavam aos fulas as suas criações (SILVA, 2011, p. 50):

O modo como os fulas exercem o pastoreio e a agricultura é por toda a parte notável. Até mesmo nos bancos do Gâmbia, a maioria dos cereais é cultivada por eles, e seus rebanhos são mais numerosos e melhores do que os dos mandingas. Em Bondu, os fulas são muito ricos e desfrutam amplamente de tudo o que lhes pode dar a vida. Extremamente hábeis no manejo dos bois, fazem com carinho e familiaridade com que sejam muito mansos. Ao aproximar-se a noite, eles os recolhem do mato e os abrigam em cercados,

chamados *korrees*, que são construídos na vizinhança das aldeias. No meio de cada *korree* erguem uma cabana, na qual um ou dois pastores vigiam o gado durante a noite, a fim de evitar que seja roubado, e mantêm acesas as fogueiras dispostas ao redor do curral para afugentar os animais selvagens (COSTA E SILVA, p. 189).

O consumo de leite era cotidiano entre eles, além de produzirem outros derivados como a manteiga que era utilizada em diversos fins, fossem alimentícios ou estéticos o que aponta para o grau de conhecimento obtido através das gerações desse tipo de criação animal e também o desempenho de técnicas para melhor tirar proveito do que o gado pudesse oferecer:

Os fulas usam o leite principalmente como bebida, quando já está azedo. Obtêm dele um creme muito espesso e o convertem em manteiga, batendo-o violentamente numa grande cabaça. A manteiga, ao ser derretida em fogo brando e liberta de impurezas, é guardada em pequenos potes de argila, e entra na maioria de suas comidas. Serve também para untar os cabelos e é aplicada largamente nos rostos e braços (SILVA, 2012, p. 189).

A criação de gado era considerada como a maior riqueza que eles possuíam já que sua rotina era baseada no trato diurno do rebanho que se configurou em parte da vida material, simbólica e afetiva dos fulas. Essa afinidade também se manifestava durante a perda de algum membro do rebanho: “A relação entre pastor e boi é de estreita intimidade. Não só na África Índica, mas também entre povos pastores de outras regiões. Como os fulas, que raspam a cabeça, choram e se desesperam, quando uma rês morre (SILVA, 2011, p. 51).

É importante destacar que isso pode fazer menção à origem saariana dos fulas já que entre os *cuxitas\** e os *nilóticos\** da região da África Índica havia o culto ao gado (SILVA, 2011, p. 51) e, os pastores fulas realizam do Festival do Mondé (sal, em fula) durante três vezes na época de chuva em que eles reúnem o gado que estava disperso pelas matas para pastar nos campos expressando seu orgulho em serem pastores:

Tudo começa na tarde anterior à festa propriamente dita. É todo um ambiente que se cria à volta do mondé e do gado da família. À tarde, os homens carregam três grandes cabaças e vão ao mato extrair a casca de uma árvore a que os Fulas chamam *lalloi*, cujo aroma é muito apreciado pelas vacas. O regresso à casa acontece depois do pôr do sol. É o momento das mulheres se juntarem à volta de três pilões para moerem o conteúdo das cabaças e assim facilitar a sua ingestão pelas vacas. O som dos pilões é acompanhado alternadamente de cânticos em coro e palmas que inevitavelmente convidam à dança. As letras exprimem alegria e orgulho:

“Mondeya ehehehDjango ko mondeya/Alah ya faróó!!!”

(Amanhã é dia de mondé/ Não vamos à bolanha / Porque temos a festa de mondé).

São cânticos próprios do evento, que raras vezes se ouvem fora daquele ambiente, elogiando as vacas pelo seu leite, os seus donos e aqueles que cuidam do gado (BALDÉ, 2016).

Essa narrativa faz parte da ideia de aliança entre os mundos: o que Doondari criou e o mundo em que os fulas vivem junto ao seus rebanhos. Ele teria decido três vezes à terra criando os cinco elementos: pedra, ferro, fogo, água e ar (SCHEUB, 2000, p. 40) e a presença desses componentes no ato de criação remete à arquétipos encontrados em vários outros grupos humanos que apresentam a religião entre esses dois espaços, mas que reforça o lugar sagrado do fundador.

As pedras são tomadas a partir de sua rudeza e permanência material como uma manifestação de poder de uma divindade, hierofania, sendo cultuada devido à sua diferença seja em proporção/tamanho, forma, cor que atestam a precariedade da condição humana e, por isso manifesta uma cratofania:

Não podemos dizer que os homens sempre adoraram as pedras enquanto pedras. A devoção do primitivo refere-se em todo caso, sempre a alguma coisa diferente que a pedra incorpora e exprime. Um rochedo, um calhau são objetos de respeitosa devoção porque representam ou imitam alguma coisa, ou vem de algum lado. O seu sagrado é exclusivamente devido a esta alguma coisa ou a este algum lado, nunca à sua própria existência. Os homens adoraram as pedras apenas na medida em que elas representavam algo diferente delas mesmas. (ELIADE, 2008, p. 176).

Usadas como símbolo de religião espiritual em que asseguravam posse, obtenção de algo no mundo dos vivos ou em comunicação com o mundo dos mortos não eram adoradas, mas utilizadas como meio mágico de contanto entre polos diferentes (ELIADE, 2008, p. 177). Na narrativa, a presença da pedra na criação do mundo pode representar a ligação entre o mundo do criador e o mundo dos vivos atestando a limitação e finitude destes em relação ao primeiro e, também apontando o mundo dos mortos, no caso dos ancestrais como elo de ligação.

Para o entendimento da relação com o ferro deve-se observar que ele é extraído da “Mãe Terra” sendo considerado assim, como um mineral que cresce no seu ventre, a metalurgia assim se configurando em uma atividade obstétrica: “O mineiro e o metalúrgico intervêm no processo da embriologia subterrânea, precipitam o ritmo de crescimento dos minerais, colaboram na obra da Natureza, ajudam-na a «parir mais rápido». Em resumo: o homem, mediante suas técnicas, vai substituindo ao Tempo, seu trabalho vai substituindo a obra do Tempo (ELIADE, 1956, p. 04) ”.

Em períodos anteriores à descoberta a técnica da metalurgia os meteoritos causavam a admiração entre os grupos humanos por caírem do céu e, por isso carregam em si a sacralidade do espaço celeste e, fedendo a terra ao precipitar-se ligariam esses dois espaços (ELIADE, 1956, pp. 13-14).

Com base nessa digressão não seria por acaso que o primeiro elemento criado por Doondari foi a pedra e o último o ar: através dessa primeira percepção, em que os aerólitos sulcam a terra, também seriam responsáveis por ajudar na função materna que ela possui na produção dos minerais que dão origem ao ferro. Essas duas perspectivas traçam dois tempos distintos: um tempo mítico - em que os deuses estão distantes dos homens e se manifestam através de sinais, assim dominando o tempo – e, o início de um tempo social onde a técnica de produzir o ferro acelera a função que a ‘Mãe Terra’ teria e muda o ritmo do grupo.

A água é sempre associada à uma fonte fundamental da existência seja dos animais como dos homens se constituindo também no elixir da vida eterna, em uma cura e para onde todos podem possivelmente voltar. Este arquétipo das 'águas primordiais' é muito comum em sociedades que referenciam elementos da natureza como partes vivas e orgânicas socialmente (ELIADE, 2008, p. 156). No conto aqui apresentado está associada juntamente ao fogo em um princípio mágico – o fato de homem saber dominar a sua técnica de produção na metalurgia, forja ou na cozinha - e, também representa um elemento masculino que através da união com água, análoga ao feminino criaria o mundo: “A produção ritual do fogo reproduz a criação do mundo. Por isso é que ao terminar o ano se extinguem todos os fogos (ritualismo da Noite cósmica), que reacendem se o dia do Ano Novo (repetição da Cosmogonia ou renascimento do Mundo) (ELIADE, 1956, p. 29).

A relação entre esses cinco elementos criou o homem de forma em que ele é subjugado ao criador e, por isso quando ele se torna 'forte' (em outra versão encontra-se 'orgulhoso' ) Doondari tenta através da cegueira, tédio, sono e a morte demonstrar que ele é finito e não poderoso como imagina. Esse poder que o homem julga possuir é associado à produção de ferro, em que eles reproduziriam a criação do mundo.

Guéno aparece na terceira vez em que Doondari vem à terra para reafirmar o seu poder diante de todos os elementos se transformando na eternidade que supera a tudo e reafirma o seu poder da criação do mundo e dos homens.

## NOTAS

Fulas - Fulânis, peúles, peul (em francês), fulbes (em fula), hall-pular.

Império Songhai - Sua hegemonia política precedeu o Império do Mali entre os séculos XV e XVI na região onde hoje é a região do Mali tendo sua expansão territorial para o oeste nos atuais Nigéria e Níger e à oeste para o Oceano Atlântico. Pode encontrar sua grafia como Império Songhay.

Pachás - O norte da África foi um dos alvos do processo de expansão do Império Turco Otomano entre os séculos XVI e XVII através dos do Sultanato de Marrocos. Título de pachá é equivalente a governador.

Macina - Também conhecida como Masina é a região de curso intermediária do Rio Níger no Mali entre Segu e Tombuctu.

Futa Toro - É uma região semideserta entre as fronteiras do Senegal e da Mauritânia ao redor da faixa intermediária do Rio Senegal.

Futa Djalon - Região montanhosa localizada no Centro da Guiné.

Cuxitas - Referência aos habitantes do Reino de Kush/Cuxe que ficava localizado na Núbia.

Nil[óticos - Faz alusão aos grupos sociais habitantes da região do sul do vale do Rio Nilo que falam línguas nilóticas.

# LOCALIZAÇÃO DOS FULA



**Legenda**

<b>Fula</b>	● Gana	● Níger
<b>Ocupação nos Países</b>	● Guiné	● República Centro Africana
● Benin	● Guiné Bissau	● Senegal
● Burkina Faso	● Libéria	● Serra Leoa
● Camarões	● Mali	● Sudão
● Chade	● Mauritânia	● Sudão do Sul
● Costa do Marfim	● Nigéria	● Togo
● Etiópia		



**PPGHIST**  
Programa de Pós-Graduação em História - UEMA

Fonte: National Geographic, Esri, Garmin, HERE, UNEP-WCMC, USGS, NASA, ESA, METI, NRCAN, GEBCO, NOAA, increment P Corp.

# MOSSI

O verdadeiro motivo da falsa  
partida do Moghoo Naba de  
Uagadugu -



## ORIENTAÇÕES GERAIS

Nesse conto podemos trabalhar as habilidades da BNCC, citadas a seguir:

### EF06HI14:

Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços.

### EF07HI07:

Descrever os processos de formação e consolidação das monarquias e suas principais características com vistas à compreensão das razões da centralização política.

### EF08HI23:

Estabelecer relações causais entre as ideologias raciais e o determinismo no contexto do imperialismo europeu e seus impactos na África e na Ásia.

### EF08HI25:

Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989.

## ENCAMINHAMENTO

Trabalhar em sala de aula história de reis, chefes e suas genealogias é indicado no combate à visão de que a África só teria uma história a partir da chegada dos europeus. Diferente dos arranjos e formações políticas europeias, as chefarias e os estados africanos tomam outros elementos nesse composição e reafirmação do poder. No caso do conto de Naba Warga é perceptível um processo de escrita que se diferencia das crônicas régias comuns no Ocidente e, essa forma também é interessante de ser trabalhada.

“Wadgo ra yaes beogo  
B bas tu beog wa a tooré”

Ugadugu, não tenha medo do futuro  
Deixe o futuro por si mesmo  
Terra vermelha  
Pés de milhete branco  
Pés de milhete verde  
Terra vermelha até quando os quatro horizontes  
[do reino  
Vermelha ao sul do sul da cidade de Tenkodogo  
Vermelha ao norte do norte de Uaihiguya  
Vermelha até a própria Ugadugu  
Por toda parte o milhete busca  
Sem dúvida trezentas e trinta três vezes\*  
O ponto central do céu.

No reino de Ugadugu, o mais prestigioso reino do povo mossi\*, nasceu e cresceu Warga. Warga! Antes de nascer, como todos os ainda não nascidos, ele se mexia na barriga da mãe, tanto quanto um cavanhaque de bode pendurado nos espinhos de uma jujubeira\*. Tendo ficado na barriga da mãe mais tempo do que durou a estação das águas, saiu uma bela manhã, na hora em que o sol acabava de aparecer no céu, tão amarelo quanto uma gema de ovo. Assim que saiu, berrou mais alto do que uma nuvem de tecelões. Naquele dia na boca do tantã gangaongo\* pôde anunciar o nascimento de Warga aos galhos do baobás, aos galhos das sumaúmas e dos bisselões\*. Naquele dia, até as moscas e os mosquitos teriam podido dançar a warba\* !

O bebê Warga nem precisava que sua mãe o botasse no peito: ele achava o peito sozinho, e mamava aquele leite mais gostoso que o suco de manga. Cresceu um pouco, e passou a comer mingau bem doce, um gostoso mingau de milhete com coalhada. Mais tarde, passou a devorar bolinhos de feijão\*, pirão de inhame, galinha-d'angola... E foi crescendo, ficando cada vez mais bonito, mais forte, mais arrojado que seus irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe\*, e que todos os seus outros irmãos. Quando um dia tornou-se guerreiro, compreendeu que até então os adivinhos\* e os espíritos do país mossi o vinham protegendo.

Como sugestão de textos para trabalhar diferentes governantes africanos indica-se: PITTA, Valter. *Grandes Reis e Rainhas da África*. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/historia-cultural-arte/12499/grandes-reis-e-rainhas-da-africa>.

Também o livro *Homens de Ferro: os ferreiros na África Central no século XIX*: SILVA, Juliana Ribeiro. São Paulo: Alameda, 2011 az uma reflexão sobre a entronização dos reis que é importante para entende em que em bases se sustentar esse pode em África.

Um dia, acordado pelas encantações dos fetichistas\*, o Sol levantou-se sobre Uagadugu. Antes do meio-dia, o Tansoba, que é o chefe de todos os exércitos, nomeou Warga naba de Moghoo Naba!: chefe! rei! Naba de Moogho\*, imperador do país mossi!

Os griots começaram a contar mais uma vida de rei. Acrescentaram a jovem história de Warga á de todos os imperadores dos mossis. Contaram até, cada qual da sua vez e da sua maneira, a história dos reis desde o nascimento de Uedraogo\* , primeiro rei, nascido do ventre da bela Yennenga\*.

Warga, vigésimo segundo imperador da dinastia Moogho Naba , era lindo ao nascer do sol. Tinha as bochechas marcadas por três cortes finos que desciam até o queixo. O povo mossi o admirava muito. Ele era portador da luz que se levantava, vestindo seu albornoz\* vermelho e seu gorro de imperador, também vermelho.

Quando o sol estava ainda mais alto e amarelo no céu, as mensagens enviadas pelos instrumentos musicais haviam atravessado as savanas para anunciar a boa nova.

Os tocadores de tantã, de balafo\*, de flauta, de corá\* foram refrescar um pouco a garganta, tomando uma ou duas cabaças de dolo\*.

Warga...Naba Warga, Warga Moogho Naba, em seu palácio de Uagadugu, foi ver a primeira esposa, sua mulher. Sentou-se ao lado dela, na sombra convidativa de uma palmeira-de-leque.

- Seboaga\*, agora sou o naba de Moogho...

Calou-se, sem terminar a frase, como se lhe faltasse fôlego para continuar. Fechou os olhos um instante, depois fixou-os em sua jovem esposa, por quem era loucamente apaixonado. Disse a ela:

- É difícil falar bem neste meio do dia. Quando não há bastante felicidade na vida de um homem, ele se atrapalha, porque suas palavras saem feridas. Quando há felicidade demais, às vezes ele se atrapalha também, mesmo sendo rei.

Ela ouvia. Linda. Mais linda que uma peúle-bororo\* . Warga acrescentou:

- Quando um cupinzeiro vive, acrescenta terra à terra, para que a terra continue viva. Agora que sou naba de Moogho, preciso saber reinar para que o costume do povo mossi continue vivo e governe os homens, as mulheres, o céu, a Terra, a água, as árvores...

Ela ouvia. Seus lábios fechados esboçavam um leve sorriso. Nesse momento, à sombra fresca, ela parecia tão delicada quanto um pote de cerâmica luzindo de uma suave umidade. Tomaram um pouco de água-de-coco.

- Seboaga, quando o amor vive, ele também acrescenta vida à vida. Meu amor, por você é enorme.... Meu amor amanhã, e depois de amanhã, acrescentará cada dia mais vida à sua vida.

- Warga, suas palavras hoje não voarão para longe quando harmatã\* soprar? Você não irá esquecê-las?

- Não, seboaga. O vento não as levará, nem a estação da seca, nem a estação das águas . A chuva molha as pintas do leopardo, mas não as apaga. Meu amor é como as pintas do leopardo.

O tempo passou. Passou para os crocodilos bravos de rabo curto, para os encantadores que agitam chocalhos na ponta da vara, para os homens de dentes pontudos como espinhos.

Um dia, a linda esposa perguntou a Warga:

- Meu rei, meu esposo, que ir a La, visitar meus parentes.

Assim como somente o dono do cachorro pode cortar o rabo do animal, também somente o marido pode autorizar a mulher a ir aqui ou ali. O naba Warga, que já tinha respondido várias vezes “não” a esse pedido, pretextando que os caminhos não eram seguros e que ele não podia ficar sem o cheiro de goiaba verde da sua esposa, dessa vez respondeu sim. O cocorano\* de asas vermelhas, que é sempre sinal de mau agouro em terras mossis, certamente estava suspenso no céu de Uagadugu naquela hora.

Na manhã seguinte ela partiu, acompanhada por algumas mulheres e alguns criados e bem sentada na manta bordada do seu cavalo. O naba Warga observou-a demoradamente na paisagem, admirando sua bela figura no meio da poeira avermelhada.

O tempo passou. Passou para os que, dispostos a tudo, gostariam de trocar a língua pelos poderes noturnos, para os que, como naba Warga, têm o ouvido da selva, para os que conhecem o visível e o invisível.

O tempo passava, mas a bela esposa de Warga não voltava. Uma manhã, achando que já tinha esperado demais, o naba Warga mandou selar seu melhor cavalo. Era um puro-sangue árabe de cabeça pequena e redonda, de narinas largas. A cauda elevada, o pescoço arqueado e alongado. Era bom corredor, como seus irmãos, alimentados com tâmaras secas e gafanhotos do deserto.

O naba Warga vestiu seus trajes de guerra, a que acrescentou sus grigris\*. Pegou suas armas, deu tapas carinhosos nas ancas do corcel e montou, comentando:

- Mais vale poeira nos pés que poeira no traseiro, tanto no caso do cavalo como no caso do homem, mesmo que o homem seja um naba.

Mas nem o homem nem o cavalo puderam dar um só passo, porque diante deles tinham se reunido às pressas os ministros e os grandes dignitários do reino. Eles suplicavam:

- Não vá.

- Você não pode abandonar Uagadugu...

- O amor a uma mulher não pode passar na frente dos assuntos do reino...

Tanto suplicaram, que o naba Warga não foi. Adiou a viagem para o dia seguinte. Mas no dia seguinte e nos outros dias foi a mesma coisa. Todos suplicavam, e o naba Warga, forçado, ficava.

Todos os dias ele achava que um naba, como qualquer outra pessoa, também precisava de uma estaca cravada no chão, junto à qual seu corpo possa crescer e florescer. Ele sabia porque, desde o dia em que sua amada partiu, os dias eram mais sem graça que pirão sem molho.

Da manhã à noite, o naba Warga, Moogho Naba do reino de Uagadugu, hoje primeiro dentre os reis do país mossi, percorreu a cidade a passos largos. Quem o via, logo compreendia que a verdadeira vida às vezes é como pimenta ardida: deixa os olhos vermelhos. Que a verdadeira vida dá aos homens olhos vermelhos como os do pássaro tecelão, não importa quais sejam os seus privilégios da sua posição.

O naba Warga não parava de pensar: “Ela, minha seboaga, nunca falava da sua beleza. Era como o sal, que nunca diz que tem sabor”.

De noite, ele espiava as lagartixas correndo na parede do seu quarto, à luz tremula da lâmpada de azeite. Mas algumas noites são ruins, é como se houvesse um leopardo rodando na escuridão, e nessas noites ele interrogava os ancestrais, mas em resposta só obtinha o silêncio. E ele, o naba Warga, sabia muito bem que o silêncio também é uma resposta. Deitado, falava à amada ausente. Só conseguia adormecer ao raiar do dia, encolhido na esteira.

Muito tempo havia passado desde a partida da adorada esposa. Mas todos os dias, mal o sol raiava, o naba Warga, Moogho Naba, mandava preparar o cavalo para ir buscar a amada. E todas as manhãs, todos os ministros e os dignitários da corte se reuniam e suplicavam:

- Não vá...
- Você não pode abandonar Uagadugu...
- O amor a uma mulher não pode passar na frente dos assuntos do reino...

Isso durou muito, muito tempo.

Durou até aquela estação em que Warga morreu.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

A memória coletiva que emana dos contextos africanos é fruto da interlocução entre os ouvintes e, que é limitada pelo espaço público e também por cerimônias e rituais definidos coletivamente pela estrutura social. A narrativa a ser analisada aqui se chama O verdadeiro motivo da falsa partida do Moogho Naba de Uagadugu que pertence aos mossis, habitantes de Burkina Fasso.

Segundo Tiendrébéogo (1963) a instituição política dos mossis “desenvolveu-se em três fases entre os séculos XV e XVI: uma fase de maturação (segunda fase do século XV), um período de conquistas (primeira metade do século XVI) e, finalmente, uma fase de estabilização (segunda metade do século XVI):

Estado fundado no planalto central do moderno Burkina-Fasso por uma facção guerreira proveniente do norte da atual República de Gana, liderada por Uedraogo. Nasceu da assimilação de dois reinos locais Uagadugu, provável remascente do antigo Gana e, latenga, florescido entre os séculos XI e XII. Dois séculos mais tarde, latenga, o mais setentrional dos dois, iniciou sua expansão, convertendo-se em império (LOPES, 2011, p. 203).

Segundo a tradição oral, o Naba Wedraogo\* teria sido o responsável por fundar a chefia independente do país dos mossis, assim, o Warga foi o vigésimo segundo rei após o lendário unificador. Nos contextos africanos, é comum que haja cerimônias de entronização dos chefes e, essas estão ligadas às narrativas e ritos. É possível encontrar esses aspectos por exemplo das sociedades centro-africanas, como a tradição dos reis ferreiros na região do Congo.

Dessa forma, essa narrativa sobre o Naba Warga faz parte da tradição oral que foi coletada por Yamba Tiendrébéogo durante o governo de Naba Kougri (trigésimo sexto) que substituiu o Naba Saga II. A genealogia imperial é evocada todas as manhãs logo que o Naba realizaria sua primeira saída do dia e, por isso, nos foi possível saber da história de Warga:

Um dia, acordado pelas encantações dos fetichistas\*, o Sol levantou-se sobre Uagadugu. Antes do meio-dia, o Tansoba, que é o chefe de todos os exércitos, nomeou Warga naba de Moghoo\* Naba!: chefe! rei! Naba de Moogho, imperador do país mossi!

Os griots começaram a contar mais uma vida de rei. Acrescentaram a jovem história de Warga a de todos os imperadores dos mossis. Contaram até, cada qual da sua vez e da sua maneira, a história dos reis desde o nascimento de Uedraogo, primeiro rei, nascido do ventre da bela Yennenga\* (PINGUILLY, 2005, pp. 117-118).

O termo “Moogho” se refere à dinastia que reinava em Uagadugu, capital do país dos mossis, assim, o nome completo do título dos reis desse território é “Moogho Naba”, ou seja, chefe do Moogho, todo o território do país dos mossis. (SILVÉRIO, 2013, p. 460). No caso de Warga, ele é investido desde cedo, como aquele que possui algo diferenciado em relação aos demais, por isso ele é o Naba, conhecedor dos sinais dos ancestrais que o enviavam e também protegido deles:

O bebê Warga nem precisava que sua mãe o botasse no peito: ele achava o peito sozinho, e mamava aquele leite mais gostoso que o suco de manga.

Cresceu um pouco, e passou a comer mingau bem doce, um gostoso mingau de milho com coalhada. Mais tarde, passou a devorar bolinhos de feijão pirão de inhame, galinha-d'angola... E foi crescendo, ficando cada vez mais bonito, mais forte, mais arrojado que seus irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe, e que todos os seus outros irmãos. Quando um dia tornou-se guerreiro, compreendeu que até então os adivinhos e os espíritos do país mossi o vinham protegendo. (PINGUILLY, 2005, p. 117)

Quando Warga, rei dos mossis cresce, casa-se com Pugh-Tiema, sua primeira esposa o que denota a poligamia existente nessas sociedades e na narrativa só é chamada de “Seboaga” que significa em mooré os equivalentes a meu amor’, no entanto, não eram islâmicos. Ela deseja visitar seus parentes na cidade de La, mas ele recusa sempre usando um discurso amoroso sobre a mulher ficar ao lado do seu marido e, quando concede ao pedido, os sinais de maus auspícios aparecem no céu:

Um dia, a linda esposa perguntou a Warga:

- Meu rei, meu esposo, quer ir a La, visitar meus parentes?

Assim como somente o dono do cachorro pode cortar o rabo do animal, também somente o marido pode autorizar a mulher a ir aqui ou ali. O Naba Warga, que já tinha respondido várias vezes ‘não’ a esse pedido, pretextando que os caminhos não eram seguros e que ele não podia ficar sem o cheiro de goiaba verde da sua esposa, dessa vez respondeu sim. O cocorano de asas vermelhas, que é sempre sinal de mau agouro em terras mossis, certamente estava suspenso no céu de Uagadugu naquela hora. (PINGUILLY, 2005, pp. 121-122)

Warga empreendeu “guerra nas regiões de Yako, Riziam e Mané (círculo de Kaya), isto é, norte de seus estados” (TIENDRÉBÉOGO, 1963, p. 20) e, este trecho do conto se refere a um episódio de conflito em que ele teve de se deslocar para a primeira cidade mencionada acima, ausentando-se de seu palácio localizado em Oubritenga que acabou sendo atacado por seus inimigos. Devido a isso algumas de suas esposas ficaram assustadas e voltaram para a casa de suas famílias, no caso a sua esposa preferida, Pugh-Tiema, é que foi mencionada no conto.

É frequente na sua genealogia que ele seja associado a insígnias militares o que rememoram as guerras em que se envolveu, a exemplo o trecho do conto que aponta que Warga ao voltar do conflito selou seu cavalo para buscar sua esposa. Essa ação deu origem a uma cerimônia importante no país dos mossis, que na narrativa é descrita assim:

O Naba Warga vestiu seus trajes de guerra, a que acrescentou sus grigris . Pegou suas armas, deu tapas carinhosos nas ancas do corcel e montou, comentando:

- Mais vale poeira nos pés que poeira no traseiro, tanto no caso do cavalo como no caso do homem, mesmo que o homem seja um naba.

Mas nem o homem nem o cavalo puderam dar um só passo, porque diante deles tinham se reunido às pressas os ministros e os grandes dignitários do reino. Eles suplicavam:

- Não vá.

- Você não pode abandonar Uagadugu...

- O amor a uma mulher não pode passar na frente dos assuntos do reino [...]. (PINGUILLY, 2005, p. 123).

Essa cerimônia se tornou essencial porque o Naba Moogho Warga fez uma reforma política durante seus quinze anos de governo que modificou os critérios de escolhas dos chefes, a proibição de mulheres nos campos de conflito e também códigos de justiça:

Naba Warga reorganizou toda a chefia. Foi ele quem forçou todos os chefes (incluindo Mogho) a tomar três moedas e um novo nome (Zab-Youya, plural de Zab-Youre), retirado de uma das moedas, quando chegou ao poder. O primeiro lema normalmente deve ser um agradecimento dirigido àqueles que permitiram acesso à chefia. O segundo deve indicar o programa de ação do novo líder e muitas vezes é, na prática, um aviso discreto para seus oponentes. O terceiro lema deve ilustrar o personagem ou um dos traços de caráter do novo funcionário eleito. O futuro chefe sabe que sua designação é iminente quando enviados do colégio eleitoral vêm, durante a noite, para levar uma ovelha de sua casa (esta ovelha é chamada "Tomboko" da palavra que designa o buraco no qual as cinzas são depositadas, das quais cobrimos o chefe do novo funcionário eleito): ele, portanto, tem tempo para compor seus lemas. (TIENDREBÉOGO, 1963, p. 19).

Essa cerimônia possibilitava que os chefes pudessem encontrar o Naba para conversar sobre as questões que envolviam autoridade e outras questões importantes à chefia. Desse modo, foi uma maneira que Warga a partir de uma situação eventual teria mantido próximo a si todos sujeitos necessários para seu governo e, no ano em que a tradição oral foi recolhida por Yamba Tiéndrébeogo, por volta de 1957, ele aponta que toda a 'pompa' foi substituída por apenas um cavalo colocado à espera do Naba.

## NOTAS

Trezentas e trinta três vezes - Número mágico para os mossis. O antigo Império mossi, que data do século XI, era dividido em 333 partes. A sede o império era Uagadugu, hoje capital de Burkina Fasso.

Mossis- Povo da África, vive no território de Burkina Fasso. Os mossi falam mooré.

Jujubeira - Árvore comum na África, cujo fruto (a jujuba) e folhas são utilizados de diversos modos, segundo as regiões. Em regiões mulçumanas, a jujubeira é a árvore do paraíso.

Tecelões - Passarinho comum a toda a parte da África que fica ao sul do deserto do Saara. Assim chamado pelos ninhos elaboradíssimos que constroí. Da mesma família do pardal, do bico-de-lacre e papa-grão.

Gangaogo - É o grande tantã (tambor) dos mossis, de Burkina Fasso. Mede dois metros de comprimento por um de diâmetro.

Bisselões - Grande arvore comum na África Ocidental. Sua madeira é vermelha e dura. Também chamado de mogno-da-guiné.

Warba - Dança Mossi

Bolinho de feijão - Massa de feijão, frita ou cozida no vapor. Típico de Burkina Fasso.

Irmãos do mesmo pai e da mesa mãe. Nas sociedades africanas em que os homens podem ter várias mulheres, é comum ter irmão ou uma irmã que não são da mesma mãe. Daí a expressão. Às vezes também se usa, para especificar que os dois irmãos têm o mesmo pai e a mesma mãe, a expressão irmão de sangue e de leite.

Fetichista - Mestres que conhecem os ritos ancestrais e organizam as cerimônias sagradas.

Moghoo - Primeiro território em que reinou o Moogho Naba de Uagadugu.

Uedraogo -Podemos encontrar diversas grafias para o nome do primeiro Naba como Quedraogo ou Uedraogo. O naba Uedraogo, nascido no século XV, é o ancestral dos mossis.

Ienenga - Princesa que viveu no século XV e é apontada como a Mãe do primeiro naba.

Moogho Naba - Ou Mogo Naba, ou Morho Naba. Título do soberano (imperador) dos mossis, residente de Uagadugu.

Albornoz - Espécie de túnica com capuz.

Balafom - Instrumento musical de percussão, constituído, com xilofone, de lâminas de madeira com cabaças embaixo, servindo como caixas de ressonância.

Corá - Espécie de harpa africana, com 21 a 26 cordas, é um instrumento muito melodioso.

Dolo - É uma cerveja de sorgo. Dolo é seu nome em Burkina Fasso.

Seboaga - Na língua mooré, falada pelos mossis, significa “meu amor”.

Peúle - bororo O povo peúle está espalhado pela África, da Guiné ao Chade. As mulheres peúles são célebres por sua beleza, particularmente as bororos.

Harmatã - Vento da África, quente e seco, vindo do norte e o leste.

Tempo das águas - Na África há duas principais estações do ano. É durante a estação das águas, isto é, das chuvas – também chamadas às vezes de inverno -, que o plantio é possível. Na estação da seca, ou estação quente, a vegetação amarela e as nuvens de poeira se levantam para o céu de um azul puríssimo.

Cocorano - . É uma águia de asas avermelhadas, sendo que o vermelho é sinal de mau agouro para os mossis.

Grigris - Pequeno objeto que possui caráter sagrado mágico religioso para os mossis.

## LOCALIZAÇÃO DOS MOSSI



### Legenda

#### Ocupação no País

- Burkina Faso

Fonte: National Geographic, Esri, Garmin, HERE, UNEP-WCMC, USGS, NASA, ESA, METI, NRCAN, GEBCO, NOAA, increment P Corp.



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO

**PPGHIST**  
Programa de Pós-graduação em História - UEMA



## Sobre a autora

Nasci em Bacabal, interior do Maranhão, e me criei em meio as histórias que meu avós, pais e tias me contavam sobre os 'causos' dos centros. Licenci-me em História pela Universidade Federal do Maranhão (2012) e sou especialista em Política de Igualdade Racial pela UFMA (2016). Trabalhei na rede privada de São Luís e atualmente sou docente da Rede Pública Municipal de Rosário no ensino fundamental maior.

Desenvolvo pesquisas desde a graduação pensando a relação entre História e Literatura em diferentes contextos. Venci o 13º Prêmio Geia de Monografia em 2013 com meu texto monográfico sobre a teologia política de Padre Antônio Vieira na Bahia durante as invasões holandesas (1624-1641). Na especialização trabalhei como os contos africanos são fontes históricas. Meu artigo "Karigana, wa karigana: história, oralidade e contos em África" foi escolhido para compor uma coletânea junto às demais colegas de curso.



# CRÉDITO DAS IMAGENS

Crédito das Imagens e Fotografias

Esse livro contém ilustrações elaboradas por mim, no entanto, a maioria das imagens foram criadas por outras pessoas. A capa e verso são da artista INCOMBIBLE/iStock.com foi adquirida através de uma licença padrão.

As demais fotografias foram retiradas da rede social Instagram. Todas foram repostadas por perfis terceiros, mas **os direitos autorais sobre essas imagens pertencem aos seus respectivos donos:**

**Imagem 01: Beautiful Senegal, Beautiful Weekend** SN w/. Autoria: @auremorvan. Repostado por: @traveiafrique. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B3PGG76IPpw/>>

**Hashtags usadas na publicação:** #traveiafrique #senegal #iledegoree #discoverafrique #iloveafrica #afrique

**Imagem 02: Untitled (Ouroboros), 2017.** Instalação de autoria de Allison Janae Hamilton e fotografia por @adenseeley. Repostado por @artesnewafrica. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bgt4OdJnLBi/>>

**Hashtags utilizadas na publicação:** #allisonjanaehamiltonpitch

**Imagem 03: The thorns didn't stop me from getting this shot under the banana trees.** Autoria: @cmoneyshots. Repostado por: @rwandalicious\_. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BYlhb1cASDB/>.

**Hashtags utilizadas na publicação:** #rwnda #kigali #africa #eastafrica #voyage #travel #natgeo #lonelyplanet #my250 #natgeotravel #theafricathemedianevershowsyouto #rwandalicious #nature #nightshot #madeinafrica #afropolitan #visiterlafrique #thisisafrica #weareafrica #traveling #instatravel #artist #colour #fun #vacation #instapassport #instatraveling #mytravelgram #art #landscape

**Imagem 04: Cape Town at dawn.** Autoria: @wallsgrapherfilms. Repostado por @africa. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BWjuSvphrZT/>>.

**Hashtags usadas na publicação:** não há.

**Imagem 05: King's Palace Royal cow.** Autoria: @eclectic\_\_wanderer. Repostado por @rwandalicious\_. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B7G0ahNjPnc/>>

**Hashtags usadas na publicação:** #rwnda #kigali #africa #eastafrica #voyage #travel #natgeo #lonelyplanet #my250 #natgeotravel #theafricathemedianevershowsyouto #afrique #love #wakanda #madeinafrica #justdoit #visiterlafrique #thisisafrica #nature #nofilter #instatravel #artist #colour #photography #photooftheday #happytrip #backpack #beautiful #visit #visitrwanda

**Imagem 06: Details in Culture and Power Kumasi, Ghana** GH. Autoria: @jessicasarkodie. Repostado por @africanlens.co. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/B\\_mjvuw3A7/](https://www.instagram.com/p/B_mjvuw3A7/)>

**Hashtags usadas na publicação:** #AfricanLens #AfricanPhotographers #AfricanPhotography #AfricanCulture #AfricanPeople #AfricanStories #contemporaryAfricanArt #diaspora #Motherland #BlackBeauty #AfricanHistory #PhotoOfTheDay #ghanagh #traditionalkings #afrianking #heritage #kente #africanfashion

**Imagem 07: A full moon|the perfect light |and two baobab trees that have stood proudly on this sacred ground for over a thousand years.** MG w". Autoria: @ignacio\_palacios\_ip. Repostado por @traveiafrique. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B3Z97VWIL7y/>>.

**Hashtags usadas na publicação:** #traveiafrique #seeafrica #madagascar #africannature #amazingafrica #baobab

Foi seguindo algumas dessas hashtags, principalmente a #theafricathemedianevershowsyouto, que pude conhecer perfis elaborados por africanos que retratam seu cotidiano, além de vários fotógrafos do mundo inteiro que produzem imagens sobre o continente mais consoantes ao verossímil. Essa é mais uma dica para você, professor!

# Bibliografia

ABITBOL, M. O fim do Império Songahi. **História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII** / editado por Bethwell Allan Ogot. – Brasília : UNESCO, 2010, pp. 357-357.

ABRANTES, Manuel Portugal Almeida de Bívar. **Kaabu, história de um império do início ao fim**. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Estadual de Campinas, Capinas, 2018.

ALMEIDA, Maria Inez Couto de. **Cultura lorubá: costumes e tradições**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. (Coleção Feminismos Plurais).

**Através dos séculos – África Ocidental – força ordenadora**. Disponível em [http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912719\\_2011\\_cap\\_15.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912719_2011_cap_15.pdf). Acesso em 15/03/2020 às 19:21.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Karigana wa Karingana: histórias que me contaram em Moçambique**. São Paulo: Paulinas, 2017. (Coleção árvore falante).

BARRY, Boubacar. **Senegâmbia: o desafio da História Regional**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2000.

BAZIN, Jean. A cada um o seu bambara. In: AMSELLE, Jean Louop; M'BOKOLO, Elikia (Orgs.) **No centro da etnia: etnias, tribalismo e Estado na África..** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017 pp. 119-160. (Coleção África e os Africanos).

BERNART, Isaac. **Encontros com o griot Sotigui Kouyaté**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BIEDERMANN, Hans. Cegueira. In: **Dicionário ilustrado de símbolos com mais de 700 ilustrações**. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2ª edição: São Paulo: Cortez, 2008.

BLANCH, Joan Pàges. As fontes literárias no ensino de História. **Opsis**, Catalão, v. 13, n. 1- jan./jun. 2013 , pp. 33-42.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília (DF): Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União, Brasília**, DF, 10 jan. 2003a, p. 01. Disponível em ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm)). Acesso em 08 de Julho de 2018.

\_\_\_\_\_. **Leis e Diretrizes e bases da educação nacional – Lei nº9.394/1996**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. MEC. **Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=17810&Itemid=866](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17810&Itemid=866). Acesso em: 20/11/2019 ÀS 17:48.

CHARTIER, Roger. **História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Algés, PO: DIFEL, 2002.

DIAGNE, P. História e linguística. In: **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, pp. 247- 281.

DIARRA, S. Geografia histórica: aspectos físicos. In: **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, pp. 345-365.

DIOP, Cheikh Anta. **The african origin civilization**. USA: Lawrence Hill & Col, 1974.

ELIADE, Mircea. **Herreros y Alquimistas**. Madrid: Artes Gráficas Ibarra, S. A, 1956.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 21. Rio de Janeiro Sept./Dec. 2002, pp. 40-51.

HAMA, Boubou; KI-ZERBO, Joseph. Lugar da história na sociedade africana. In: **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, pp. 23-35.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. 4ª edição. São Paulo: Selo Negro, 2008.

**História Geral da África: África sob dominação colonial, 1880-1935**. (Org.): BOAHEN, Albert Adu. 2ª edição. rev. Brasília: UNESCO, 2010. (Coleção História Geral da África, vol. VII).

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Resultados gerais da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IZARD, M; KI-ZERBO, J. Do Níger ao Volta. In: **História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII** / editado por Bethwell Allan Ogot. – Brasília : UNESCO, 2010 pp. 389-436.

**Keita! O legado do Griot**. Dany Kouyaté, 1996, 96m.

KI-ZERBO, Joseph. Introdução geral. In: **Síntese da Coleção História Geral da África: pré –história ao século XVI**. SILVÉRIO, Valter Roberto(Org.). Brasília: Unesco, MEC, UFSCar, 2013, pp. 17-24.

LEITE, Fábio. A questão ancestral: **África Negra**. São Paulo: Palas Atena: Casa das Áfricas, 2008.

**Leis rois de Ségou**, Sidibé Boubacar, Mali, 2011,

LOPES, Nei. **Dicionário da antiguidade africana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

**Mapa de Murdock**. Disponível em <<https://www.earthlymission.com/wp-content/uploads/2017/08/africa-map-ethnic-george-peter-murdock-1959-fb.jpg>> Acesso em 25/04/2020 às 10:56.

M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e Civilizações**. Dois Volumes: Tomo I (Até o século XVIII) e Tomo II (Do século XIX aos nossos dias). Tradução de Alfredo Margarido. Salvador (BA): Editora da Universidade Federal da Bahia; São Paulo (SP): Casa das Áfricas. 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana**: MEC, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

MUNDIBE, Valetin. **A invenção da África**: gnose, filosofia e ordem do conhecimento. Manguade, PO; Luanda, ANG: Pelago; Edições Mulemba, 2013.

MUNANGA, Kabenguele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Elisa Larkin & GÁ. Luiz Carlos. **Adinkra**: sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas/IPEAFRO, 2009.

NGOENHA, Severino Elias. **Filosofia Africana**: das independências à liberdade. Maputo: Edições Paulistas-África, 1993.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A invenção dos iorubás na África Ocidental: reflexões e apontamentos acerca do papel da tradição oral na construção da identidade étnica. **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 27, p. 141-180, 2005.

**Òrun Ayê**: a criação do mundo. Jamile Coelho e Cintia Maria, 2015, 12 minutos.

PERSON, Yves. Ngolo Jara ou la force de Ségou em Les Africains , tX, Paris, Jeune Afrique, 1978, pp.273-310.

PITTA, Valter. **Grandes Reis e Rainhas da África**. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/historia-culturaarte/12499/grandes-reis-e-rainhas-da-africa>. Acesso em 18/05/2020 às 11:19.

PINGUILLY, Yves. **Contos e lendas da África**. São Paulo: Companhia das Letras.

POUTIGNAT, Phillipe. **Teorias da etnicidade**: seguido por grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

**Segou Koro**: a antiga cidade do Império Bamana. Disponível em:

<http://www.afreaka.com.br/notas/segou-koro-a-antiga-capital-do-imperiobamana/>. Acesso em 08/05/2020 às 10); 23.

SILVA, Alberto da Costa. **A enxada e a lança**: A África antes dos portugueses. 5ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011

SILVA, Alberto da Costa. **Imagens da África**: da Antiguidade ao Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SILVA, Juliana Ribeiro. **Homens de ferro**: os ferreiros na África Ocidental no século XIX. São Paulo: Alameda, 2011.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Síntese da História Geral da África**: pré-história ao século XVI. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Síntese da História Geral da África**: século XVI ao século XX. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SOLER-PONT, Anna. **O príncipe medroso e outros contos africanos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

**Tabela 3175 - População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade. Disponível em:** <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175>. Acesso em 16/06/2020 às 16:11

**Tabela 6408 - População residente, por sexo e cor ou raça. Disponível em:** <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6408>. Acesso em 16/06/2020 às 16:10.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TOWA, Marcien. **A ideia de uma filosofia negro-africana**. Belo Horizonte: Nandyala; Curitiba: NEAB –UFPR, 2015.

WOORTMANN, K. Cosmologia e geomancia: um estudo da cultura Yorùbá-Nàgô. **Anuário Antropológico**, 2(1), 2018, pp. 11-84

